

REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO

dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
• natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia da natureza

PASSARINHOTERAPIA

quando a observação de aves transforma
nossas vidas

EQUIPAMENTO

Nikon AF-S NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6G ED VR

PANTANAL NORTE

Veja o quintal da leitora
Hideko Okita, de
Campinas/SP

TEMPORADA DE FILHOTES

O que fazer quando eles caem do
ninho

FOTOGRAFIA

A nitidez na
fotografia de aves

SERRA DA CANASTRA - MG

recanto de aves raras, cachoeiras e lindas
paisagens

CONHEÇA

COA-POA, o
mais antigo
COA
brasileiro

FOTOS DOS LEITORES



Edição Especial - Nov/2015





Editor

Jefferson Silva

Conselho Editorial

Claudia Komesu

Jefferson Otaviano

Jefferson Silva

Norton Santos

Tietta Pivatto

Conselho Fotográfico

Jefferson Silva

Luiz Carlos Ribenboim

Norton Santos

Jornalista responsável

Petterson Rodrigues

Contato

contato@revistapassarinhando.com.br

Galeria do Leitor

fotodomes@revistapassarinhando.com.br



Siga a revista no
Facebook

facebook.com/RevistaPassarinhando



Olá Observador!

Nesse mês de novembro resolvemos publicar algumas matérias das 4 primeiras edições da revista, de forma gratuita, para que alguns observadores que ainda não são leitores possam conhecer a Revista Passarinhando.

Temos um texto interessante da Tietta Pivato, sobre Passarinhoterapia, e como a observação de aves pode transformar nossas vidas!

Aproveitando a primavera, publicamos um texto sobre aves que caem do ninho: o que fazer? Texto também da Tietta, com fotos de Gustavo Pinto, nos ensina as ações necessárias em caso de encontro com algum filhote que tenha caído de seu ninho.

A seção **Destino** tem uma dobradinha de locais, ambos com textos e fotos do fotógrafo e guia Geiser Trivelato: o primeiro sobre a Serra da Canastra, em MG, e o segundo sobre o Pantanal Norte, um dos paraísos brasileiros da observação de aves.

Essa edição publica novamente o texto do grande fotógrafo Luiz Carlos Ribenboim, sobre a nitidez na fotografia de aves, um dos pilares para uma boa foto.

Ainda temos as seções **Equipamento**, **Conheça**, **Biblioteca**, **Evento** e **Discussão**, com um texto de Claudia Komesu, sobre as recentes discussões relacionadas com fotografia em parques nacionais. Vale a pena conferir, e se possível, participar das discussões via *facebook*.

Se você gostou da revista, apresente a um amigo. Deixe um comentário na nossa página do *facebook*, nesse link. Você também pode contribuir com sugestões de assuntos que gostaria de ver na revista, além de enviar sua foto para publicação nas seções **Galeria do Leitor** ou **Aves comuns**, **Fotos incomuns**.

Basta enviar sua foto para fotodomes@revistapassarinhando.com.br.

Boa leitura!

Jefferson Silva

jefferson@revistapassarinhando.com.br



Nesta edição

PASSARINHOTERAPIA

Quando a observação de aves transforma
nossas vidas



PASSARINHADAS

Desafio das Corujas



DESTINO

Serra da Canastra/MG



BIBLIOTECA

Aves do Paraná



EQUIPAMENTO

NIKKOR 80-400mm



FOTOGRAFIA

A busca pela nitidez



CONHEÇA

COA-POA, Porto Alegre/RS





Mãe-da-lua ou Urutau / *Nyctibius griseus*
Foto de Marli Franceschett, Campinas/SP
"Essa ave, cujo nome é tupi e significa ave fantasma, foi quem me inspirou a fotografar e observar mais as aves na natureza."
Foto feita em Campinas, 28/10/2013
DMC-FZ200 | f/4, 1/800, ISO 100, @245mm

GALERIA DO LEITOR



Caboclinho-de-sobre-ferrugem / *Sporophila hypochroma*

Foto de Silvia Linhares, São Paulo/SP

"Importante ave documentada durante a Caboclada com a Seledon Turismo, guiados pelo Adrian Rupp, com os amigos Rosemarí, Ubaldo e Ricardo Mendes."

Canon 7D, 300mm f/4L IS USM + TC 1.4x | f/5,6, 1/200, ISO 200, @420mm



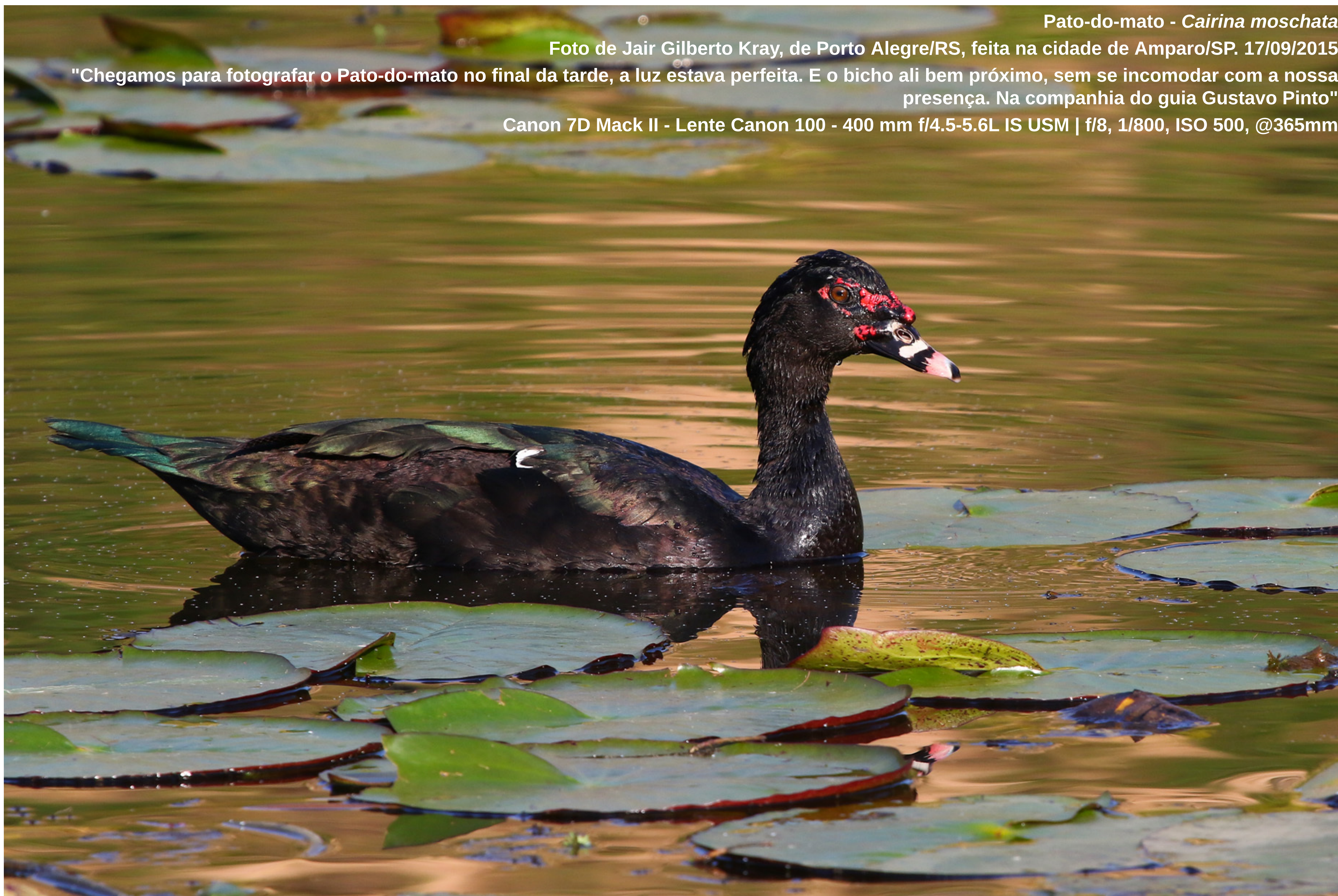
GALERIA DO LEITOR

Pato-do-mato - *Cairina moschata*

Foto de Jair Gilberto Kray, de Porto Alegre/RS, feita na cidade de Amparo/SP. 17/09/2015

"Chegamos para fotografar o Pato-do-mato no final da tarde, a luz estava perfeita. E o bicho ali bem próximo, sem se incomodar com a nossa presença. Na companhia do guia Gustavo Pinto"

Canon 7D Mack II - Lente Canon 100 - 400 mm f/4.5-5.6L IS USM | f/8, 1/800, ISO 500, @365mm



GALERIA DO LEITOR



sabiá-pimenta, *Carpornis melanocephala*

Foto de Josiane Bernardes, Pedro de Toledo/SP. 25/12/2014

"Foi uma grande emoção observar e fotografar esta espécie pela primeira vez no sítio Espinheiro Negro, um belo presente pra um dia de Natal."

Nikon 3200 | f/8, 1/250, ISO 3200, @300mm



Tente responder a seguinte pergunta: por que eu observo aves?

Tenho certeza que você vai listar uma série de justificativas do porque elas são tão encantadoras, ou simplesmente vai dizer: “porque é legal e ponto”. Não tem como não serem admiradas.

Há tempos tenho prestado mais atenção nas pessoas do que nas aves. Porque afinal tem tanta gente apaixonada por elas? Esse texto apresenta alguns desses momentos especiais vividos por mim e por colegas que responderam a essa pergunta.

Eu não vou falar obviamente do amor egoísta que aprisiona passarinhos em gaiolas, mas no encantamento que as aves livres, selvagens, despertam no ser humano. Não é apenas a beleza do canto, da plumagem, do comportamento. O que nos encanta, e isso vale pra qualquer animal, é a aproximação com o selvagem. A conexão com o natural, com uma natureza da qual somos parte e pouco entendemos. Compreendi isso quando, lá na década de noventa, tive o privilégio de olhar nos olhos de um lobo-guará selvagem, no Parque do Caraça/MG. Ali eu entendi tudo o que nunca consegui definir em palavras sobre o significado dessa liberdade. Nós não temos a real compreensão disso até ter um momento como esse, tão próximo, com um animal.

E claro, por estar tão perto de nós, serem tão abundantes e chamativas, as aves são os seres que mais facilitam para o ser humano esse primeiro contato. E tenho certeza que você agora está se lembrando do seu momento especial, da primeira ave observada ou fotografada que mudou sua vida e seu foco de interesse. Lembro da ave colorida e tão diferente que vi no início da adolescência, que me fascinou, e que só anos depois eu descobri ser um pica-pau-do-campo. Uma ave comum, tão diferente da rara choca-de-garganta-preta, ave amazônica que fascinou Bruno Rennó ou da borralhara-assoviadora que Luciano Lima viu pela primeira vez ainda garoto no Itatiaia e até hoje marca

encontros com ele na Mata Atlântica, mas o encantamento foi muito semelhante.

E o que dizer quando elas se aproximam da gente, como os beija-flores que voam em frente aos nossos olhos com curiosidade e rapidamente vão embora, nos deixando paralisados? Ou quando presenciamos a amizade entre o pequeno rabo-branco-rubro com o Jonas em Ubatuba? E imaginem o sentimento da Roséli quando um martim-pescador-pequeno que, de tão calmo e confiante, subiu em sua mão permitindo inclusive ser fotografado?

Esses são daqueles momentos que chamamos de “orgasmos ornitológicos” ou momentos “ppp”.

Tenho certeza que todos tem uma história assim, e compartilham do prazer de falar de passarinho, conviver com passarinho. E nem preciso muito pra convencer os leitores de que observar aves é sim, muito terapêutico.

E aqui eu começo a falar da experiência mais fantástica que as aves me proporcionaram, que foi não apenas ter uma história pra contar, mas conhecer histórias de várias pessoas. Algumas tristes, mas todas lindas. Todas endossando o quanto é bom estar no mato olhando passarinho.



Seu Jonas e o delicado rabo-branco-rubro, que por muitos anos conseguiu frequentar os bebedouros contando com a proteção do amigo contra os beija-flores maiores.

rabo-branco-rubro, *Phaethornis ruber*

Foto: Jefferson Silva

Nos últimos dois anos colhi várias histórias de observadores de aves. Gente que observa aves por inúmeras razões, eu diria mesmo como terapia. E aqui tanto faz se é binóculo ou câmera o instrumento, pois o efeito relaxante é o mesmo. Gente que observa solitariamente, em introspecção, seja pra relaxar ou para pensar nos seus problemas e decisões que precisam tomar. Gente que prefere ir com um amigo ou dois para aos poucos contar suas angústias em busca de conselhos. Gente que vai em grupo para tagarelar muito e extravasar a tensão acumulada após uma semana de trabalho. Sim, pode parecer um absurdo, mas tem gente que vai ver passarinho só pra bater papo. E se divertem muito, voltando pra casa tranquilas e felizes após esse momento de catarse.

Encontrei histórias bonitas, como a proximidade familiar, as aves unindo gerações de avós, pais, filhos com foco nas aves, todos de roupas camufladas. Mas também vi filhos que fizeram os pais se interessarem por elas. Crianças que cresceram e hoje nos encantam com seu

conhecimento.

Ouvi depoimentos de guias completamente apaixonados pela profissão descrevendo o prazer de mostrar uma espécie especial para um turista. Não importa se uma ave comum para um iniciante ou uma endêmica muito rara para um observador mais exigente. O prazer e o encantamento nivelam todos frente à beleza do momento.

Professores que viram nos olhos de seus alunos o fascínio da descoberta e o começo de uma relação especial com as aves e com a natureza. Serão adultos mais sensíveis à causa ambiental. E nos cursos que dei ao longo destes últimos dois anos, vi esse brilho várias vezes, inclusive no choro de uma menina do interior da Bahia, emocionada com as avezinhas que ela nunca tinha percebido em seu quintal. Não há como descrever o prazer que isso nos dá.

Mas vi também histórias tristes, de superação. Aves que abraçaram e consolaram dores de doenças, separação, de casamentos e namoros desfeitos. Ir pro mato ver passarinho pra distrair a cabeça, a saudade dos filhos e quem sabe até encontrar um novo amor.

"Mas vi também histórias tristes, de superação. Aves que abraçaram e consolaram dores de doenças, separação, de casamentos e namoros desfeitos."

Também histórias de luto, de perdas esperadas ou que chegaram subitamente. Pais, cônjuges, filhos. Traumas de violência tão fortes que não vou citar aqui. A dor de perdas permanentes traz uma saudade que fica para sempre em nossos corações, mas aos poucos esse vazio vai sendo preenchido pelo conforto trazido por amigos, familiares e no que eu

testemunhei, pelo contato com a natureza, e com as aves. Ouvi relatos de como o contato com elas em diferentes situações trouxe conforto, alegrias cada vez mais presentes e principalmente mensagens sobre a continuidade da vida. O canto das aves, a foto bonita, a

viagem para lugares novos em submersão no mundo ornitológico preencheu um pouco do vazio do coração, complementado com as amizades e até mesmo compartilhando no meio do mato a tristeza com quem viveu experiência semelhante.

Aves e amigos de passarinhada foram apoio e inspiração para superar muitos momentos difíceis e também para ajudar na tomada de decisões, de definir novos rumos para a vida nova. Não apenas para mim, mas para muitas pessoas que tive o privilégio de conviver.

Passarinhos aguardando calmamente a chuva passar e depois secando-se alegremente sob o sol quente mostraram que a vida continua, que as tormentas passam e nos trazem a florada, os frutos, que podemos entender como aprendizado, maturidade. Tudo passa, sempre. A perda nos faz dar valor a coisas simples, como o canto de um sabiá ou mesmo o brincar de uma cambacica. Que é preciso ter paciência e aguardar o momento certo para que a natureza, as aves e as soluções de nossos problemas se mostrem e sejam compreendidas.

Que a amizade é um bem importante, único, e que podemos encontra-la no abraço cúmplice do melhor amigo ou nas passarinhadas cheias de piadas e fotos divertidas que tiramos um dos outros. Que a vida é efêmera, e de repente sentimos necessidade de compartilhar essa experiência mágica com nossos filhos, pais, amigos, em sintonia com o natural, onde os valores são tão simples e puros.

Eu penso que essa troca de energia, esse religar, é o que nos leva a observar aves. Porque além do prazer da foto, do ticar na lista, tem amigos, tem sorrisos, e tem principalmente aves, beleza de cor, canto e comportamento, que nos transportam para um universo ao mesmo tempo tão longe e tão perto, que é nossa

ligação com o natural, com o selvagem. Todos precisamos estar conectados com a natureza, e somos privilegiados por amar passarinhos. Eles não compreendem nossa relação, pra falar a verdade não estão nem aí com nossas dores e angústias. Para eles somos apenas estranhos fantasiados de folhas que invadem a floresta, mas ainda assim nos dão momentos únicos e especiais, às vezes solitários, às vezes compartilhados. Mas quem já experimentou esse prazer que elas nos trazem sabe do que estou falando.

E a resiliência das aves nos mostra que sim, tudo passa. Que a vida é uma sequência de coisas boas e não tão boas, e assim como o filhote que sobrevive porque aprendeu a se esconder da chuva, nós seguimos aprendendo com cada dificuldade que a vida nos traz. Então bora bater as asas e aproveitar o lindo sol depois da chuva! E acreditem. Mesmo quando a dificuldade é mais difícil, nós nunca estamos sós! Quero muito agradecer a todos que me enviaram os

depoimentos que deram origem a este texto. Se alguém quiser compartilhar suas histórias, mande um e-mail para tietta.pivatto@gmail.com. ■

"Aves e amigos de passarinhada foram apoio e inspiração para superar muitos momentos difíceis e também para ajudar na tomada de decisões, de definir novos rumos para a vida nova."



Uru, *Odontophorus capueira*

Foto: Jefferson Silva



Filhote de quiri-quiri, *Falco sparverius*

Quem gosta de observar aves já sabe: basta começar a primavera e a passadeira já está toda agitada construindo ninhos e chocando ovos. Logo que nascem, os filhotes famintos não dão sossego aos pais na maratona de alimentação até que eles cresçam o suficiente para buscar sua própria comida. Tudo tem o ritmo e o tempo certo de acontecer.

Porém alguns jovens apressadinhos podem cair dos ninhos antes da hora, correndo risco de serem predados por outros animais ou morrer de frio (natural, vida selvagem é assim mesmo). Mas e aí, devemos ficar olhando o passarinho morrer ou podemos ajudar?

Nós podemos sim interferir, especialmente nos ambientes já modificados pelo homem, desde que isto não prejudique a ave. Veja algumas dicas importantes de como proceder nesses casos, fornecidas pelo veterinário César Eduardo Nyari.

1. Se você sabe onde tem um ninho, não o exponha, ou seja, deixe lá escondido, longe de curiosos e sem despertar o interesse de predadores urbanos como gatos

ou ratos. Quanto menos você se aproximar, melhor para as aves. Se a temporada reprodutiva for boa, a chance de os pais fazerem novas posturas é grande.

2. Caso o filhote caia do ninho (pode acontecer por causa da chuva, fugindo de predadores, ou tentativa de voo antes da hora) e ele for muito imaturo ainda, tente recoloca-lo de volta no ninho, mas apenas se isto não representar risco para você ou para a ave. Se não for possível alcançar o ninho, deixe-o num galho mais alto da árvore, caixa ou mesmo numa gaiola ABERTA perto do ninho.

3. Caso o filhote já esteja bem emplumado e ágil, prefira observá-lo por algum tempo à distância.

Pode ser que os pais continuem cuidando dele mesmo no chão. Apenas certifique-se que não existe risco (cachorros, gatos, crianças etc.). Não toque no filhote.

4. Se isso não acontecer, e só então, você decide se vai deixar a natureza agir ou se vai interferir cuidando desse passarinho. Decidindo cuidar, lembre-se de ter o menor

contato possível com a ave para evitar que fique mansa, o que pode significar riscos no futuro. O ideal é encaminhá-lo para um Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), Centro de Recuperação de Animais Silvestres (CRAS) ou Zoológico, onde profissionais qualificados cuidarão do filhote, porém nem sempre existe um por perto. Então se decidir assumir a responsabilidade em

cuidar dele, observe as informações seguintes:

- Se o filhote estiver molhado, seque-o e encoste-o em seu corpo para que fique quentinho (dá pra colocar no bolso em alguns casos...). Coloque-o numa caixa de papelão e a mantenha aquecida. Para isso, deixe uma lâmpada quente acesa perto da caixa (mas não

"Se você sabe onde tem um ninho, não o exponha"



Filhote de quiri-quiri, *Falco sparverius*

encostada, para não correr o risco de queimar), o suficiente para ficarquentinho. Tem de ficar fora da caixa, para a luz não incidir diretamente na ave. O aquecimento pode ser feito também com bolsas térmicas ou garrafas PET com água quente. Deixe uma vasilha com água por perto para evitar o ressecamento excessivo do ar e a desidratação do filhote.

- Forre a caixa com pano, areia ou jornal picado para evitar que o filhote escorregue no fundo liso. No caso de filhotes de pica-pau, a caixa pode estar sempre fechada e ter apenas um buraco por onde passar o alimento. Mantenha a caixa fechada e longe de gatos, cachorros, crianças e demais curiosos.
- Filhotes mais prematuros devem ser alimentados logo que encontrados com solução fisiológica e glicose 2,5% (1 ml de solução fisiológica com 1/2 ml de glicose), algumas gotas diretamente no bico para hidratar e fornecer energia, independente da espécie, até providenciar alimentação adequada: papa de sementes para os granívoros, papa de frutas para os frugívoros, carne para os rapinantes (não esquecer do cálcio) e assim por diante. Neste caso, pode ser carne moída

suplementada com cálcio, vitaminas, ração de aves e ovo cozido.

A melhor forma de fornecer alimento é com o uso de uma seringa pequena cortada na ponta, introduzindo o alimento aos poucos, bem no fundo da garganta, para ir direto ao papo; assim, não vai para o pulmão. Observe que o alimento deve estar na temperatura ambiente. Evite contato direto com o filhote; se possível, forneça o alimento sem tocar na ave. Para isto basta tocar no bico com a seringa ou ainda com um palito grosso (espetinho de madeira ou hashi).

Forneça o alimento de duas em duas horas, mas fique atento para não dar comida demais e sufocar o filhote. É importante acrescentar alguns insetos (grilos, por exemplo) na papinha, pois eles vão fornecer as proteínas de que as aves precisam. Também pode ser colocado um pouquinho de carne. Quando o filhote estiver mais crescido, coloque alguns insetos vivos dentro da caixa para que ele possa treinar a captura. Não há necessidade de alimentação durante

à noite e madrugada; nesses horários, as aves estão dormindo, exceto as de hábitos noturnos.

Observe se há espaço na caixa para que o filhote estique suas asas e consiga treinar o voo, e quando já estiver totalmente emplumado, permita que faça pequenos voos em algum lugar protegido para fortalecer sua musculatura. Se estiver em gaiola e for local seguro, deixe a porta aberta para que ele possa ir se aventurando em voos mais longos. Se tudo der certo, em alguns dias ele poderá

voar sozinho e irá embora.

- Mas é claro que nem sempre o filhote sobrevive, especialmente se for muito prematuro, uma vez que não tem controle térmico e seu organismo ainda é muito frágil. A morte de filhotes também faz parte do controle natural, e devemos aceitar isso com respeito.

**" Decidindo
cuidar,
lembre-se de ter
o menor contato
possível com a
ave"**



MATÉRIA DO MÊS

Temporada de filhotes... o que fazer quando eles caem do ninho?

Continuação

O importante é interferir o mínimo possível, tomando esse tipo de atitude só em último caso. Se julgar que não terá tempo ou condições de cuidar de um filhote abandonado, peça ajuda a um veterinário ou leve o filhote para um Centro de Recuperação de Animais Silvestres.

E jamais caia na tentação de prendê-lo em casa. Além de ser proibido por lei, lugar de passarinho é na natureza. Denuncie caso veja alguém destruindo ninhos ou capturando filhotes. ■



Filhote de quiri-quiri ensaiando primeiros vôos

Para mais informações:

bonitobirdwatching.blogspot.com/2009/12/filhotes-caidos-do-ninho.html

www.wikiaves.com.br/wikiaves:sos_passarinho

Agradecimento:

César Eduardo Nyari

Médico Veterinário de pequenos animais e animais selvagens e exóticos.

Clínica Veterinária Companhia dos Bichos, Limeira/SP

dunyar@yahoo.com.br

(19) 3451-3155/ 3453-9144

Chapada dos Veadeiros: várias fitofisionomias, dezenas de cachoeiras, trilhas, morros e paisagens. centenas de espécies de pássaros, milhares de histórias...

Venha viver uma Aventura na **savana** brasileira

 Pacotes ecoturísticos  Roteiros de Birdwatching  Expedições  Hospedagem  Translados 

 reservas@ecorotas.com.br  facebook.com/ecorotas  62 3446 1820 www.ecorotas.com.br

Serra da Canastra, recanto de aves raras, cachoeiras e lindas paisagens



Serra da Canastra

Localizada no sudoeste de Minas Gerais, encontra-se uma formação singular onde duas serras se erguem lado a lado em pleno bioma cerrado. São as Serras da Canastra e Babilônia que têm suas terras divididas entre seis municípios mineiros: São Roque de Minas e Sacramento na Serra da Canastra, Delfinópolis, São João Batista do Glória e Capitólio na Serra da Babilônia. E ainda Vargem Bonita que está localizada bem no vale onde corre o Rio São Francisco entre as duas serras. Um parque nacional foi criado em 1972 para proteger esta área rica em nascentes, flora e fauna inicialmente com mais de 200 mil hectares, mas apenas os 70 mil hectares da parte de cima da Serra da Canastra foram regularizados até o momento. Os outros 130 mil hectares na Serra da Babilônia seguem como áreas pertencentes ao parque que ainda aguardam pela regularização de suas terras.

Nesta matéria vou me referir mais a área que já é considerada parque nacional que compreende apenas a Serra da Canastra e que podemos dividir entre parte alta e parte baixa da serra. É nesta área que tem mais de

80% de suas terras dentro do município de São Roque de Minas e os outros 20% divididos entre Vargem Bonita e Sacramento que eu frequento ou como fotógrafo ou como guia de observadores de aves desde 2005. Perdi a conta das inúmeras vezes que já fui a Canastra e algo que me surpreendeu foi que a cada nova visita, mais me apegava ao local. Hoje considero a Canastra praticamente como minha segunda casa tamanha a afeição.

Vida simples, povo hospitaleiro, local tranquilo sem agitação das cidades grandes, com água e ar puros, jeito mineiro de ser com um clima agradável me conquistaram! Queijo produzido no entorno da serra é famoso no Brasil e no mundo. Carne de porco conservada na banha dentro da lata e sem refrigeração são coisas da Canastra. Vilarejos que parecem parados no tempo, com aquela vida pacata e tranquila e com seus moradores sendo personagens únicos ainda resistem no entorno da serra!

Mas o principal motivo de minha ida para lá há cerca de 10 anos atrás foram as riquezas biológicas, principalmente a fauna.

A área tem a predominância do cerrado com algumas manchas de mata atlântica (esta 2ª principalmente na parte baixa da serra seguindo o curso dos rios). No alto da serra, onde as altitudes do alto do chapadão alcançam mais de 1400m os campos limpos predominam a se perder de vista, mas campos rupestres que são áreas mais rochosas, campos sujos e cerrados típicos estão representados, além das já citadas ilhas de mata que aparecem onde geralmente tem uma nascente de maior porte.

É no alto da Canastra que está localizada a nascente do maior rio unicamente brasileiro, que é o São Francisco. Ele nasce aí para ir desaguar no oceano atlântico 2800km depois, atravessando Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Nesta vegetação baixa dos campos de altitude da serra, inúmeras aves raras e ameaçadas fazem sua morada.





galito, *Alectrurus tricolor*

Utilizam o capim praticamente para tudo, fazendo dele local de alimentação, reprodução e habitat.

Por isso, muitas espécies se adaptaram para viver no chão, andam rapidamente pelo solo, caçando ou fugindo de predadores. Nestes campos, quase sem árvores por perto e cheios de cupinzeiros de todos os tamanhos, vivem o Andarilho (*Geositta poecilopectera*), o tico-tico-de-máscara-negra (*Coryphospiza melanotis*), o caminheiro-grande (*Anthus nattereri*), a campainha-azul (*Porphyrospiza caerulescens*), a corruíra-do-campo (*Cistothorus platensis*), o meia-lua-do-cerrado ou tapaculo-de-colarinho (*Melanopareia torquata*), o canário-rasteiro (*Sicalis citrina*), o caminheiro-de-barriga-acanelada (*Anthus hellmayri*), o canário-do-campo (*Emberizoides herbicola*), o tico-tico-do-campo (*Ammodramus humeralis*), a perdiz (*Rhynchotus rufescens*), a codorna-amarela (*Nothura maculosa*), o inhambu-carapé (*Taoniscus nanus*), a maxalalagá (*Micropygia schomburgkii*) e o galito (*Alectrurus tricolor*). Nos arbustos próximos a pequenos cursos d'água, se esconde o tapaculo-de-brasil (*Scytalopus novacapitalis*), o pula-pula-de-sobrancelha (*Myiothlypis leucophrys*), o limpa-folha-do-brejo (*Syndactyla dimidiata*).

Nas árvores retorcidas do cerrado típico na canastra



pato-mergulhão, *Mergus octosetaceus*

vivem a bandoleta (*Cypsnagra hirundinacea*), a cigarra-do-campo (*Neothraupis fasciata*), o pica-pau-chorão (*Veniliornis mixtus*), o papagaio-galego (*Alipiopsitta xanthops*), o suriri-da-chapada (*Suiriri islerorum*), a águia-cinzenta (*Urubitinga coronata*). Na mata ciliar mais densa o Soldadinho (*Antilophia galeata*). Nos penhascos e encostas íngremes da serra a águia-chilena (*Geranoaetus melanoleucus*), o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), o sanhaçu-de-fogo (*Piranga flava*) e o capacetinho-do-oco-do-pau (*Poospiza cinerea*) são as mais representativas.

Mas não podemos deixar de falar em Serra da Canastra sem mencionar a maior raridade do local. Nela vive a maior população conhecida do criticamente ameaçado pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*). Estima-se uma população total desta espécie em umas poucas centenas e a área do parque nacional da Serra da Canastra e seu entorno é fundamental para a conservação da espécie. O pato-mergulhão precisa de água cristalina e com corredeiras para viver. Seu principal alimento são os lambaris, e o pato se utiliza de um método de caça em que a água tem que estar muito limpa e cristalina, pois eles nadam na superfície enfiando apenas a cabeça embaixo d'água e quando enxergam os cardumes dos pequenos peixes, daí sim eles mergulham para tentar

tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla*

capturá-los. Portanto, águas com boa visibilidade e totalmente livres de qualquer poluição serão sempre necessárias para a ocorrência e sobrevivência desta espécie tão exigente. Talvez isso explique a sua raridade, já que pontos assim com estas características estão cada vez mais escassos em nosso país. Hoje em dia sabe-se de apenas três locais onde o pato-mergulhão ainda pode ser encontrado, a própria Serra da Canastra, o Jalapão, no Tocantins e a Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Quanto aos mamíferos, não vou me esquecer jamais de meu primeiro encontro com o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). Era um animal que me fascinava desde criança, e foi na canastra que fiquei frente a frente com ele. Hoje nem sei dizer quantas vezes já vi um bandeira por lá, mas como guia me sinto satisfeito de encontrar este belo animal praticamente em toda a viagem que faço à serra. É possível ver dois, três ou quatro tamanduás em apenas uma grande colina se alimentando de cupins no final da tarde dentro do parque nacional e considero a serra da canastra como o melhor lugar do país para ver este bicho.

Em contrapartida, o ameaçado e gigante tatu-canastra (*Priodontes maximus*) que chega a pesar 60 kg é um dos bichos mais difíceis de ver na natureza. Ele ocorre na Canastra, vemos com frequência áreas com terra

remexidas por ele para se alimentar ou os buracos que servem como refúgios subterrâneos, mas somente com muita sorte para avistá-lo fora delas durante o dia, já que a espécie tem hábitos noturnos.

Outro belo animal que podemos encontrar em algumas ocasiões na canastra é o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), uma espécie de cachorro selvagem com pernas longas que o fazem ficar mais alto que o capim. Impressionante é ver o guará caçando pequenas aves ou roedores nos campos do alto da serra. Ele usa suas duas grandes orelhas que funcionam como um radar, mexendo elas rapidamente para todos os lados e ao mínimo som produzido pela sua presa ao tentar fugir dentro do capim, ele localiza exatamente o ponto de onde vem o ruído e então dá um grande salto e ao cair com as duas patas da frente em cima do alimento, prende e rapidamente a pega com os dentes. É emocionante observar um lobo-guará ao final do dia caminhando solitário pela imensidão dos campos e com aquela luz dourada antes do sol se pôr!

lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*

veado-campeiro, *Ozotocerus bezoarticus*

Veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), cangambá ou jaratataca (*Conepatus semistriatus*) e lontra (*Lontra longicaudis*) fecham a lista dos mamíferos mais encontrados no parque.

Outra atração que não passa despercebida por nenhum visitante são os canteiros naturais de flores que podem ser vistos em todas as épocas do ano na Canastra. Não tem como não se impressionar com a variedade de cores e espécies floridas. Mas no início da primavera se tiver passado uma queimada por uma área de campo recentemente, uma explosão de vida brota poucos dias depois e verdadeiros jardins naturais de lírios brancos, vermelhos ou rosas, margaridas amarelas, canela-de-ema nas cores roxa ou branca e várias espécies de sempre-vivas enfeitam e deixam o local ainda mais

encantador!

O fogo faz parte do local. Praticamente todos os anos algum ponto da canastra queima, mas ao contrário do que muita gente pensa, se ocorrer de forma controlada e que não venha a queimar grandes extensões é uma maneira de renovar. Prova disso é a quantidade de plantas que só aparecem floridas ou com frutos após uma queimada. Outro exemplo, a ave andarilho (*Geositta poecilopectera*) utiliza uma área recém queimada imediatamente para se reproduzir nestes locais, parece que estas áreas oferecem uma maior facilidade para apanhar insetos e conseguir com isso alimentar seus filhotes. Bastam alguns dias após a queimada para brotar uma nova camada de vegetação rasteira bem mais nutritiva e verdinha e os veados-campeiros adoram pastar nestes locais. É claro que queimadas grandes e fora de controle matam muitos animais, mas o cerrado sempre esteve relacionado ao fogo e suas plantas e animais são adaptados a isso. Sem a passagem das queimadas, os campos limpos naturais se transformariam em vegetação arbustiva em alguns anos e depois em mais algum tempo em cerrado, depois cerradão e espécies de aves ameaçadas e raras que necessitam deste tipo de vegetação aberta perderiam habitat!

Quem conhece pela primeira vez a parte alta da serra pode se assustar ao olhar as grandes áreas descampadas do alto do chapadão. Quase não se vê matas e pode-se pensar que aquilo foi desmatado, que não é verdade. Toda a vegetação rasteira é natural e os campos nativos de altitudes são uma das formações vegetais mais raras no país.



Flores na serra da canastra



Cachoeira Casca D'Anta

A Serra da Canastra é também local de incontáveis nascentes. Ao andar fora das estradas no alto da serra é que o visitante se surpreende ao notar que em todo ponto e local onde se vê uma pequena

depressão ou vale tem água correndo dentro delas. O local é uma verdadeira caixa d'água natural. Prova disso são as dezenas de cachoeiras que despencam do alto da Serra. Ao longo de suas vertentes, nos dois lados imensas quedas d'água rompem paredões rochosos em busca do ponto mais baixo.

A famosa cachoeira Casca d'anta com seus quase 200 metros de queda livre talvez seja a mais conhecida por se tratar das águas do Rio São Francisco que 10 km depois de sua nascente, desce pelos íngremes paredões da canastra. Outras lindas cachoeiras como cachoeira do Fundão, cachoeira do Rolinho, cachoeira do Cerradão, cachoeira da Parida, cachoeira da Chinela são apenas alguns exemplos de quedas d'água no local.

Dentro do parque nacional na parte de cima da serra, não existem locais para hospedagem, já que todas as fazendas que ocupavam a área foram desapropriadas com a criação do parque, mas na parte de baixo da serra e no seu entorno, inúmeras opções de hotéis, pousadas e camping são oferecidos para o visitante. A cidade mais

bem localizada para quem quer conhecer tanto a parte de cima (parque nacional) como a parte de baixo da serra é sem dúvidas São Roque de Minas, que esta a 12 km da nascente do São Francisco e a 08 km de uma das portarias na subida da serra. Nesta pequena cidade se encontra toda a estrutura necessária como restaurantes, padarias, farmácias, supermercados, bancos e locais de hospedagem. Outras opções são as várias pousadas rurais que encontramos na parte baixa da serra, quase sempre próximas as margens do rio São Francisco em direção a Vargem Bonita que é a primeira cidade banhada pelas águas do famoso rio.

Temos ainda dois distritos pertencentes a São Roque de Minas que são São João Batista da Canastra, no alto da serra e ao lado dos limites do parque que é um pequeno vilarejo que também oferece opções de hospedagem e alimentação, e São José do Barreiro, na parte de baixo da serra também com alguma estrutura para turistas.

Observação de aves na Pousada Salve Floresta

Tapirai, São Paulo. Distante somente 150km do centro de S.Paulo
Mais de 100 espécies de aves catalogadas no Wikiaves
Venha passarinhar com conforto, segurança, tranquilidade



Foto: Rogério Machado

Entre em contato com a Pousada:
email: carlossoares@online.de
site: www.salvefloresta.com



Sempre-viva

Por fim, a cidade de Sacramento que apesar da distância de 80 km, também tem uma portaria no alto da serra do outro lado do parque, no sentido contrário ao de São Roque. Sacramento é uma cidade maior e que também pode servir de local de estadia na região da Canastra.

Para chegar a Canastra vindo do estado de São Paulo, as distâncias são de 550 km da capital paulista e 450 km de Campinas/SP. De Belo Horizonte a distância será de 340 km.

Quem vai a serra observar aves deve saber que as distâncias percorridas serão grandes. Para atravessar o parque nacional da portaria de São Roque de Minas até a portaria de Sacramento são praticamente 80 km de estrada de terra, isso fora as estradas secundárias que levam até a cachoeira casca d'anta parte alta, cachoeira rasga canga (Rolinho parte alta), cachoeira do fundão. Na parte baixa também. Para sair de São Roque de Minas e chegar à cachoeira casca d'anta parte baixa da serra, serão 40 km só de ida, também em estradas de chão. Para sair de São Roque de Minas e ir por baixo da serra até o distrito de São João Batista da Serra da Canastra serão mais 58 km.

Todos são caminhos interessantes para observar e fotografar aves. Vá prevenido também para o caso de chuva, pode ser necessário um veículo 4x4. Na parte

baixa da serra as estradas são boas, apenas a chuva em demasia é que pode prejudicar. Já na parte alta da serra recomendo o uso do 4x4 desde o início para evitar aborrecimentos.

Na própria cidade de São Roque de Minas encontramos motoristas que oferecem o aluguel de suas caminhonetes 4x4 para levar turistas ou observadores de aves no parque nacional (parte alta).

Quando ir

Os melhores meses são de agosto a janeiro, quando as aves estão em maior atividade e exuberância. O galito, por exemplo, só apresenta a cauda longa no período de primavera/verão. O período mais difícil para ver as aves é entre março e abril com muitas aves que já se reproduziram antes e algumas trocando as penas. Maio a julho é a época de reprodução do raríssimo pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) e como chove pouco nestes meses mais frios, isso mantém as águas cristalinas na Canastra, o que facilita sua ocorrência e visualização.

tapaculo-de-colarinho, *Melanopareia torquata*

águia-chilena, *Geranoaetus melanoleucus*

Enfim, em todos os meses do ano é possível avistar aves, tendo a época que as aves cantam mais de Agosto à Janeiro e a época com menos cantos indo de fevereiro a Julho.

Os feriados e os meses de férias escolares são os períodos menos recomendados, porque o alto fluxo de carros no parque e de turistas nas cachoeiras afugenta os animais da beira das estradas.

Enfim, recomendo para todo amante da natureza conhecer a Serra da Canastra e suas belezas naturais. Um cenário espetacular onde a mistura do relevo, vegetação e águas criam um contraste capaz de encantar qualquer mortal. Se você for também um observador ou fotógrafo de aves então, a Canastra se torna roteiro imperdível, tamanha a variedade de espécies raras em um único local!

inhambu-chororó, *Crypturellus parvirostris*andarilho, *Geositta poeciloptera*

A lista completa de aves já registradas no Parque Nacional da Serra da Canastra ultrapassa as 400 espécies. Abaixo, lista das mais representativas do local:

gavião-do-banhado	gralha-picaça	graúna
gavião-de-rabo-branco	gralha-do-campo	encontro
águia-chilena	jacuaçu	iraúna-grande
gavião-caboclo	saci	japu
sovi	arapaçu-de-cerrado	chopim-do-brejo
águia-cinzenta	arapaçu-escamado	polícia-onglesa-do-sul
gavião-preto	japacanim	tapaculo-de-colarinho
pato-do-mato	falcão-de-coleira	caminheiro-de-barriga-acanelada
pato-mergulhão	cauré	caminheiro-grande
taperuçu-preto	quiriquiri	canário-do-mato
taperuçu-velho	acauã	pula-pula-de-sobrancelha
taperuçu-de-coleira-branca	fim-fim	mariquita
maria-faceira	pintassilgo	tico-tico-de-bico-amarelo
barbudo-rajado	cochicho	pica-pau-de-topete-vermelho
joão-bobo	barranqueiro-de-olho-branco	pica-pau-de-cabeça-amarela
bacurauzinho	casaca-de-couro-da-lama	pica-pau-branco
bacurau	joão-porca	pica-pau-chorão
bacurau-da-telha	joão-de-pau	picapauzinho-anão
bacurau-tesoura	limpa-folha-de-testa-baia	soldadinho
sanhaçu-de-fogo	ui-pí	tangarazinho
seriema	petrim	rendeira
urubu-de-cabeça-vermelha	limpa-folha-do-brejo	fruxu-do-cerradão
urubu-rei	ariramba-de-cauda-ruiva	patinho
fogo-apagou	andorinha-morena	balança-rabo-de-máscara
pomba-galega	andorinha-azul	papagaio-galego
chupa-dente	andorinha-de-sobre-branco	jandaia-de-testa-vermelha

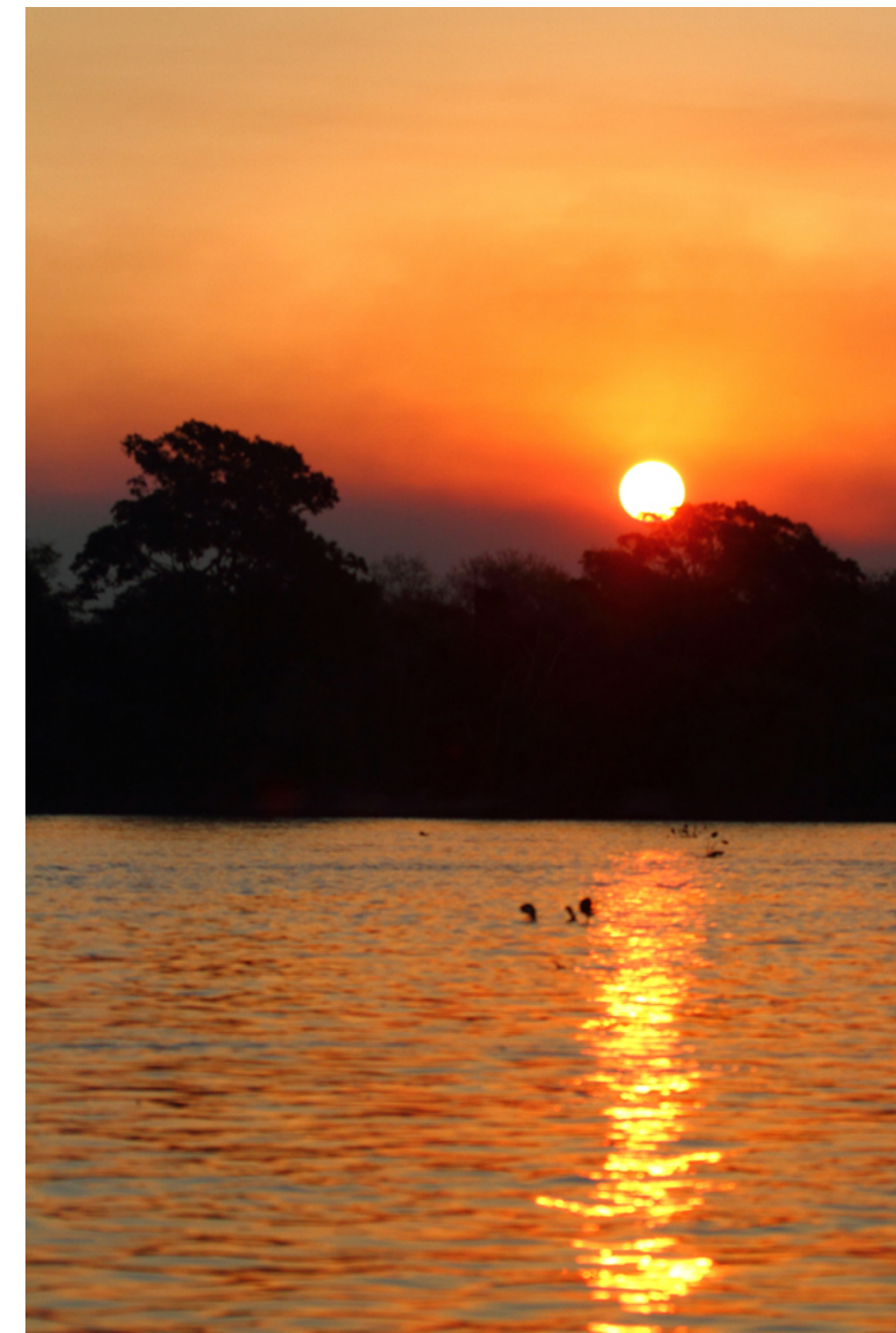


maitaca-verde	saíra-de-chapéu-preto	beija-flor-tesoura-verde
periquito-rei	cigarra-do-campo	corruíra-do-campo
maracanã-verdadeira	capacetinho-do-oco-do-pau	surucuá-variado
tiriba-de-testa-vermelha	campainha-azul	galito
saracura-três-potes	trinca-ferro-verdadeiro	marianinha-amarela
saracura-sanã	bico-de-pimenta	maria-ferrugem
saracura-do-banhado	bico-de-veludo	papa-moscas-de-costas-cinzentas
tucano-de-bico-verde	canário-rasteiro	papa-moscas-do-campo
tucanuçu	curió	guaracavuçu
ema	caboclinho	chibum
tapaculo-de-brasília	caboclinho-de-barriga-vermelha	guaracava-de-topete-uniforme
abre-asa-de-cabeça-cinza	chorão	tucão
andarilho	caboclinho-de-barriga-preta	lavadeira-de-cara-branca
maçarico-do-campo	baiano	peitica-de-chapéu-preto-
mocho-dos-banhados	caboclinho-branco	tesoura-do-brejo
jacurutu	patativa	gibão-de-couro
caburé	saíra-douradinha	maria-preta-de-penacho-
chorózinho-de-chapéu-preto	saí-andorinha	maria-preta-de-garganta-vermelha
chorózinho-de-bico-comprido	saí-canário	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado
papa-taoca-do-sul	curicaca	guaracava-cinzenta
choró-boi	inhambú-chororó	piolhinho
choca-de-asa-vermelha	codorna-amarela	suiriri-pequeno
tietinga	perdiz	joão-pobre
tico-tico-de-máscara-negra	caneleiro-preto	gritador
bandoleta	anambé-branco-de-rabo-preto	suiriri-da-chapada
canário-do-campo	anambé-de-bochecha-parda	suiriri-cinzento
sabiá-do-banhado	beija-flor-de-peito-azul	suiriri-de-garganta-branca
cigarra-bambu	beija-flor-de-orelha-violeta	primavera
saíra-de-papo-preto	chifre-de-ouro	noivinha-branca
saíra-ferrugem	bico-reto-de-banda-branca	vite-vite-de-olho-cinza
tico-tico-rei-cinza	rabo-branco-acanelado	





Imagem típica pantaneira: um ninho de tuiuiú, e ao fundo ipês floridos



Pôr do sol no Pantanal

A seção **Destino** deste mês apresenta um dos locais mais lindos do Brasil: Pantanal Matogrossense. O pantanal norte tem acesso através de duas estradas parque a partir da cidade de Poconé/MT. A estrada Parque do Porto Cercado, com 45 km, sendo totalmente pavimentada e que liga a cidade de Poconé ao Hotel Sesc Pantanal, e a um pequeno porto de pescadores nas margens do Rio Cuiabá; e a estrada parque Transpantaneira (a mais famosa e selvagem), com seus 147 km de terra, 122 pontes e que liga a cidade de Poconé a Porto Jofre, nas margens do mesmo Rio Cuiabá, bem na divisa com o MS.

Para se chegar a Poconé, o ideal é pegar um voo até Cuiabá, a capital do estado do MT. Em Cuiabá existem várias locadoras de carros em frente ao aeroporto. De Cuiabá à Poconé

são 100 km de rodovia pavimentada. Quanto ao carro a ser alugado, se a viagem for entre maio a setembro é possível fazer com veículos sem tração, pois é época de pouca chuva. Mas se a viagem estiver programada para outubro ou início de novembro já recomendo pensar em um veículo com tração 4x4, pois o trecho final da transpantaneira pode causar problemas para veículos normais com o início das chuvas.

O período de final de maio até o início de novembro geralmente é recomendado como melhor época para ver e fotografar os animais. Este período é o da seca no pantanal, mas a partir de outubro/novembro já começam as pancadas

de chuva no final da tarde. O período da seca é quando os bichos podem ser encontrados mais facilmente, devido à facilidade de locomoção pelo pantanal, pois trilhas e estradas que ficam alagadas durante a cheia voltam a ser utilizadas pelos turistas. Também é na seca que as aves aquáticas estão mais concentradas e encontram facilidade para



ariranha, *Pteronura brasiliensis*

caçarem os peixes, caranguejos, caramujos nas lagoas rasas e nas poças d'água que estão secando. É neste período do ano que se formam os ninhais das garças, cabeças-seca, colhereiros, biguás e também que o tuiuiú se reproduz em seus grandes ninhos solitários pela planície pantaneira.

A seca também facilita o deslocamento dos mamíferos atrás de alimento. As ariranhas ficam restritas aos rios, corixos e baías e as onças-pintadas buscam as margens dos rios onde a concentração de suas principais presas, os jacarés e capivaras são enormes.

Até os cervos-do-pantanal são avistados em bom número durante o auge da seca. Eles se aproximam da rodovia transpantaneira, pois como quase toda rodovia, esta é um grande aterro, de onde se retirou

terra de suas laterais para subir o nível da própria estrada para evitar a água das cheias, naturalmente se formaram depressões um pouco mais profundas ao longo da estrada.

Com essas depressões, a água do período da cheia fica represada por mais tempo, justamente ao lado da transpantaneira, sendo a última a secar. E mesmo quando falta água no campo os bichos encontram as últimas poças justamente na área ao longo da rodovia. Isso atrai o cervo-do-pantanal que vem se refrescar e tomar água nas horas mais quentes do dia.

A estrada parque transpantaneira é a mais recomendada para os fotógrafos e observadores, pois ao longo dos seus mais de 145 km, várias pousadas rurais podem servir de pontos de hospedagem, aventuras, alimentação e descanso.

Estas pousadas possuem infra-estruturas boas, com apartamentos com ar-condicionado, água quente para banho, pensão completa com três refeições diárias e internet. O sinal de celular da empresa VIVO é o único que chega a funcionar depois que saímos de Poconé e adentramos o pantanal.

Estas pousadas, que na maioria das vezes são fazendas adaptadas ao ecoturismo, oferecem aos hóspedes toda sua área para trilhas, safáris fotográficos com o próprio carro, e barcos a motor, para as pousadas que tem rios e corixos dentro de suas terras.

Algumas oferecem comedouros em volta da sede para atrair aves com frutas, sementes e garrafinhas com água e açúcar e outras ainda possuem torres de observação de 20 a 25 metros de altura em locais dentro de matas.



Outro fator importante para o turista é a segurança encontrada nestas pousadas.

Tudo é muito tranquilo, você pode deixar o carro e o quarto abertos com os equipamentos fotográficos em cima das mesas que ninguém vai mexer neles.

A grande maioria dos turistas é de estrangeiros, talvez mais de 90%. Gente do mundo inteiro lota as pousadas do pantanal todos os anos na alta temporada. Os brasileiros precisam conhecer melhor o pantanal para pelo menos igualar este número.

Quem conhece o pantanal uma primeira vez, duvido que não queira voltar outras vezes. Enfim, se hospedar em algumas destas pousadas ao longo da transpantaneira é garantia de estar em pleno pantanal selvagem e ver

muitos animais, aves e répteis.

Uma dica na transpantaneira é, se possível, não se hospedar em apenas uma pousada. De 7 a 8 dias é um bom tempo para se aproveitar bem as aves e alguns mamíferos do pantanal norte.

Ficando 8 dias, pode-se escolher umas 4 pousadas diferentes, ficando 2 dias em cada uma delas. Isso aumenta bastante a chance de conseguir boas fotos de algumas espécies que aparecem com facilidade em uma determinada pousada e não aparecem na outra.

Pela grandeza do trecho da transpantaneira com seus 147 km, o tipo de vegetação muda, há áreas mais secas com cerrado e cerradão, áreas mais úmidas, mata seca, áreas um pouco mais altas que não alagam mesmo na cheia, e todas estas diferenças ao longo da

transpantaneira só podem ser realmente vivenciadas se a pessoa muda de pousada ao longo dos dias da viagem.

A ida até o final da rodovia transpantaneira é muito interessante, inclusive há uma área úmida gigante com mais 20 km antes do seu final, conhecida como Campo do Jofre.

Para observação e fotografia das onças, é bom adicionar mais 3 dias completos à viagem, dedicados a procura pelos felinos, com quase 100% de chances de ver pelo menos uma onça-pintada. Portanto, para quem desejar fazer um *tour* bem completo pelo pantanal norte, com onças e aves no roteiro, de 10 a 11 dias de viagem seriam o ideal. A exuberância é tanta que muitas vezes me vi em situações em que uma única árvore no pantanal abrigava várias espécies.

Posso deixar aqui um exemplo de uma situação em que fotografava uma iguana-verde (*Iguana iguana*) tentando escapar das garras de um casal de gaviões-preto (*Urubitinga urubitinga*). Em determinado momento, o réptil escalou o tronco de uma grande árvore e ficou paralisado no meio dele, enquanto um dos gaviões tentava de toda a maneira se agarrar ao mesmo tronco da presa. O gavião estranhamente

chegou a ficar na posição vertical como se fosse um pica-pau.

Logo acima deles, como se nada estivesse acontecendo, um grande ninho abrigava dois filhotes e um adulto de tuiuiú (*Jabiru mycteria*) e logo abaixo deste ninho dezenas de periquitos caturrita (*Myiopsitta monachus*) aproveitavam a base do ninho do tuiuiú para construir seus próprios ninhos de gravetos. Se

não bastasse toda esta agitação, alguns metros ao lado, na copa desta mesma árvore, outro ninho abrigava um de



seus donos, um maçarico-real ou curicaca-real (*Theristicus caerulescens*).

E para encerrar, dependurados nos galhos mais finos, vários ninhos pendentes de xexéu ou japuínas (*Cacicus cela*) com as aves fazendo muita algazarra.

Já presenciei muitos casos interessantes como a predação de um quero-quero por um gavião-caboclo, casal de tuiuiús comendo peixe no por do sol, jacaré predando uma garça-moura, os ataques de um gavião-belo a uma garça tentando roubar o peixe que ela havia pescado, mas espertamente toda vez que o gavião se aproximava em vôo, a garça mergulhava totalmente dentro d'água até o gavião desistir.

Vi muitas aves comendo peixes, caramujos e caranguejos, tomando banhos em pequenas poças d'água de chuvas, a iraúna-grande em cima das capivaras para comer os carrapatos, a carona de 3 bebês jacarés nas costas de sua mãe, tamanduá-bandeira comendo formigas a menos de 2 metros, sem se espantar, onça-pintada caçando um jacaré, etc.

E por falar em onças, não tenho como deixar de registrar que o pantanal norte se tornou o principal local do mundo para fazer observações e fotografias da onça-pintada (*Panthera onca*).

Já fiz 44 observações de onças neste local até o momento e todas durante o dia. Vi elas caçando, nadando, subindo em árvores, dormindo, brigando. Nada se compara ao momento que estamos diante do maior felino das Américas em seu ambiente natural.

É emoção e adrenalina pura garantidos! Uma sensação de apreensão toma todos no barco durante as horas de procura pelo felino pelos rios do pantanal norte, mas quando ela é encontrada geralmente deitada ou caminhando pelas margens, tudo faz valer o esforço.

“ Já fiz 44 observações de onças neste local até o momento e todas durante o dia ”

Enquanto se procura pelas onças, ariranhas (*Pteronura brasiliensis*) geralmente são vistas e em alguns casos onças e ariranhas se encontram e elas não se dão bem! Posso dizer que além da onça, o pantanal norte também é um dos melhores locais que conheço para fotografar as impressionantes famílias de ariranhas, que vivem sempre em grupos familiares e não levam desaforo para casa, muitas vezes atacando as onças quando estão em grupos.

Outro animal impressionante da transpantaneira são os

cervos-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o maior cervídeo da América do sul, impressiona pelo seu tamanho e pelas galhadas com várias pontas dos machos.

Nas caminhadas pelo interior das matas ou capões, podemos ver cutias, quatis, tamanduá-mirim, macacos-prego, bugios, sagüis-da-cauda-preta, jabutis, tatus, com sorte uma Irara (*Eira barbara*). Até os raros tatu-canastra (*Priodontes maximus*) e macaco-da-noite (*Aotus sp.*) já apareceram.

À noite, geralmente é uma boa pedida fazer com potentes faroletes e lanternas as focagens noturnas de carro pelos aterros das pousadas/fazendas e pela própria transpantaneira.



jacaré, *Caiman yacare*

Esta é a melhor hora para se avistar os lobinhos ou cachorros do mato, mão-peladas ou guaxinins, antas, e com sorte uma jaguatirica.

Também é um bom momento para avistar aves noturnas, como curiangos e bacuraus, sendo os mais comuns o bacurau (*Hydropsalis albicollis*), bacurau-chintã (*Hydropsalis parvula*) e bacurau-tesoura (*Hydropsalis torquata*) e corujas como o jacurutu (*Bubo virginianus*), caburé (*Glaucidium brasilianum*) e coruja-do-mato (*Strix virgata*), além da mãe-da-lua-gigante (*Nyctibius grandis*) e a mãe-da-lua-comum (*Nyctibius griseus*).

Todo final de tarde, no crepúsculo bandos de bacurau-de-cauda-barrada (*Hydropsalis leucopyga*) podem ser avistados sobre os rios voando baixo.

Outro espetáculo que espanta quem não está acostumado ao pantanal é a quantidade de jacarés que em dias quentes ficam amontoados em pequenas poças d'água durante o auge da seca. Saindo a noite é só iluminar a água que os olhos desses répteis se acendem e parece uma constelação de estrelas em um céu limpo, tamanha a quantidade desses répteis que são bem tranquilos e não oferecem perigo ao ser humano desde que respeitados.

Um acontecimento natural nos meses mais secos são as florações de algumas espécies de árvores. Destaque absoluto para as Piúvas ou Ipês, com suas cores amarelo e rosa tingindo a paisagem, geralmente nos meses de agosto/setembro. Além dos ipês, o amarelo das flores dos cambarás, o roxo dos tarumãs e o rosa do pau-de-novateiro também encantam.

Em outubro centenas de borboletas muti-coloridas se agrupam nas pequenas poças d'água ao longo da rodovia transpantaneira logo após uma chuva, sendo bonito de se ver.

Soma-se a tudo isso um pôr do sol e alvorecer dos mais espetaculares que conheço, principalmente se estiver em um barco ou canoa no meio de um rio, com a água e o céu ganhando a cada minuto um tom diferente de cor, inesquecível!

Enfim, todas as pessoas que já tiveram a oportunidade de conhecer e fotografar no pantanal norte ficaram super satisfeitos com a viagem e o que viram.

Um paraíso natural que sem dúvidas merece pelo menos uma viagem na vida de todos que gostam de natureza e vida selvagem!



arara-azul-grande, *Anodorhynchus hyacinthinus*



Aves

acauã	canário-do-mato	gralha-do-pantanal	pé-vermelho
águia-pescadora	carão	grauna	picaparra
alegrinho-do-chaco	casaca-de-couro-amarelo	graveteiro	pica-pau-amarelo
alma-de-gato	casaca-de-couro-de-crista-cinza	iraúna-de-bico-branco	pica-pau-de-testa-branca,
andorinha-do-campo	catatau	iraúna-grande	pica-pau-de-topete-vermelho
andorinha-do-rio	cauré	irerê	pica-pau-do-campo
anu-coroca	chincão-pequeno	jaçanã	pica-pau-dourado-escuro
aracuã-do-pantanal	chora-chuva-preto	jacu-de-barriga-castanha	pica-pau-louro
arapaçu-beija-flor	chorão	jacurutu	pica-pau-verde-barrado
arapaçu-de-bico-branco	chororó-do-pantanal	jacutinga-de-garganta-azul	pipira-da-taoca
arapaçu-de-cerrado	coleiro-do-brejo	jaó	pomba-galega
arapaçu-de-garganta-amarela	corucão	japacanim	rabo-branco-de-barriga-fulva
arapaçu-do-campo	cujubi	japu	rolinha-picuí
arapapá	curió	joão-de-pau	rolinha-vaqueira
arara-azul-grande	encontro	joão-do-pantanal	sabiá-gonga
aratinga-de-testa-azul	falcão-de-coleira	joão-grilo	saci
ariramba-de-cauda-ruiva	falcão-relógio	joão-pinto	sanã-amarela
arredio-do-rio	fogo-apagou	juriti-pupu	savacu
asa-branca	garça-azul	maçarico-real	sebinho-rajado-amarelo
asa-de-telha	garça-branca-grande	mãe-da-lua	seriema
bacurau	garça-branca-pequena	mãe-da-lua-gigante	socó-boi
bacurau-chintã	garça-da-mata	maguari	socoí-vermelho
bacurau-de-cauda-barrada	garça-moura	maracanã-de-colar	socoí-zigue-zague
bacurau-de-rabo-maculado	garça-real	maria-faceira	socozinho
bacurau-tesoura	garça-vaqueira	maria-pechim	soldadinho
bate-pára	garrincha-do-oeste	martim-pescador-da-mata	solta-asa
batuíra-de-coleira	garrinchão-pai-avô	martim-pescador-grande	sovi
batuíra-de-esporão	gavião-belo	martim-pescador-pequeno	surucuá-de-barriga-vermelha
besourão-de-sobre-amarelo	gavião-caboclo	martim-pescador-verde	tachã
bichoita	gavião-caramujeiro	martinho	tuiuiú
biguá	gavião-pernilongo	mutum-de-penacho	udu-de-coroa-azul
biguatinga	gavião-preto	pavãozinho-do-pará	vite-vite-de-cabeça-cinza
cabeça-seca	gaviãozinho	periquito-de-cabeça-preta	xexéu



A lista de espécies apresentadas na página anterior e nesta, têm algumas das espécies que podem ser encontradas no pantanal norte.

O pantanal norte tem uma forte influência amazônica, pois algumas espécies, como socó-zigue-zague, garça-da-mata, arapapá, chora-chuva-preto, kujubi,

pavãozinho-do-pará, têm sua área de distribuição alcançando a floresta amazônica.

Algumas são até certo ponto comuns no pantanal norte e raras no pantanal do sul que tem uma influência maior da mata-atlântica e cerrado. ■

Mamíferos

anta	irara	sagüi-de-cauda-preta
ariranha	jaguatirica	tamanduá-bandeira
bugio	lontra	tamanduá-mirim
cachorro-do-mato	macaco-prego	tatu-galinha
capivara	mão-pelada ou guaxinim	tatu-peba
cateto	onça-pintada	veado-campeiro
cervo-do-pantanal	quati	veado-catingueiro
cutia	queixada	veado-mateiro

Répteis

sucuri-amarela e várias outras serpentes
jacaré-do-pantanal
iguana
teiú
jabuti
lagartos



capivara e iraúna-grande

Pantanal Norte, testemunho pessoal.

Por Geiser Trivelato

Trabalho como guia de observadores e fotógrafos de natureza no Brasil já alguns anos e posso por experiência própria colocar que o pantanal norte é sem dúvidas uma das regiões mais favoráveis para quem quer fotografar ou apenas ver os animais brasileiros em seu ambiente natural. Mesmo antes de trabalhar como guia, eu já tinha no pantanal norte meu local favorito para fazer minhas viagens, tanto que a partir de 2001 fiz várias expedições a este destino com objetivo único de fotografar.

Não sei bem explicar os motivos, mas é muito mais fácil se ver aves, mamíferos e répteis em boas situações para fotos no pantanal que em locais como a mata atlântica e a Amazônia por exemplo. Talvez isso se explique pelos ambientes mais abertos no pantanal e pela quantidade enorme de fauna, além do povo pantaneiro ter uma forte ligação com a natureza e gostarem e respeitarem os bichos. Além disso, os animais em geral, inclusive as aves do pantanal sempre me pareceram ser mais calmas e permitem maiores aproximações.

Aves ariscas em outros pontos do Brasil, no pantanal muitas vezes não se importam nem um pouco com o fotógrafo e isso deixa o local ainda mais mágico para quem gosta de fotografar.



Onça / *Panthera onca*

Canon 7D, Canon 100-400mm 4.5-5.6L IS USM | f/7.1, 1/320, ISO 800, -0.3, @275mm



Em 2014, após meses de observações de corujas (“corujadas”) no município de Rio Claro, decidimos propor um desafio: tentar registrar todas as espécies de corujas do município em um dia. Não era uma tarefa fácil: no município há registro de doze espécies da ordem Strigiformes. Destas doze, onze tem ocorrência confirmada na Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA). Elaboramos uma checklist das corujas do município, um roteiro de observação e estipulamos uma data: 04 de setembro de 2014.

Alguns dias antes da corujada a equipe já estava formada: Carlos Otávio Araujo Gussoni, Gustavo Pinto, Helbert Eduardo Noventa, Murilo Pinto, Norton Santos, Rogério Carlos Machado e Vivian Robinson. Demos início à corujada às 15h00 do dia 04 de setembro. O primeiro ponto a ser visitado era o bairro Mata Negra, onde estávamos monitorando um ninho de jacurutu (*Bubo virginianus*) com dois filhotes. Logo que chegamos ao local nos deparamos com um dos filhotes no ninho e, após alguns minutos de procura, encontramos um adulto nos arredores. Iniciamos bem, com a maior coruja do país. Após algumas fotografias, partimos em busca do mocho-dos-banhados (*Asio flammeus*). No caminho registramos um casal de corujas-buraqueiras (*Athene cunicularia*) em um pasto nos arredores: a segunda espécie de nosso desafio. A busca pelo mocho-dos-banhados não seria fácil: até a data só existia um registro da espécie no município realizado em 10 de maio do mesmo ano. Pouco antes de pararmos o carro no local, o Gustavo, com os olhos treinados para localizar a espécie, já avistou um indivíduo ao longe. Estacionamos o veículo e seguimos em direção ao banhado onde tinha sido registrado no primeiro semestre. Logo que chegamos ao local, lá estava um adulto parado no solo entre os capins. A terceira coruja do desafio, às 17h15, permitiu nossa aproximação e boas fotografias. Contentes com o resultado até o momento, fizemos uma pausa para um lanche e partimos para as observações noturnas.



jacurutu, *Bubo virginianus*

Foto: Norton Santos



mocho-dos-banhados, *Asio flammeus*

Foto: Norton Santos

A primeira parada da corujada noturna foi o campus da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”), localizado no bairro Bela Vista. As chances de adições para a lista eram grandes, já que ocorrem cinco espécies de corujas na área. A primeira coruja registrada no local foi o terceiro indivíduo de coruja-buraqueira do dia.

Após somar esse indivíduo na contagem, partimos em busca das duas corujas-alvo no local: a coruja-orelhuda (*Asio clamator*) e o mocho-diabo (*Asio stygius*). A primeira que apareceu foi a orelhuda. Um indivíduo pousado muito próximo de nós nos arredores do





coruja-orelhuda, *Asio clamator*

Foto: Carlos Gussoni

Departamento de Ecologia. Após o rápido achado, começamos a busca pelo mocho-diabo. Não demorou muito e escutamos um indivíduo vocalizando no meio do capinzal. Fomos em direção aos chamados e localizamos dois indivíduos, um deles a 1,5m do solo, que permitiu



mocho-diabo, *Asio stygius*

Foto: Rogério Machado

uma ótima aproximação. Esta espécie foi *lifer* para o Helbert e era *lifer* para outro integrante da equipe, que não estava conosco ainda e começaria a corujar pouco depois das 20h. Rapidamente pegamos o celular e ligamos para o Rogério, avisando-o destes indivíduos, já

que as corujas estavam há bastante tempo paradas no mesmo local. Infelizmente, ele não conseguiu encontrar conosco naquela hora e partimos para o próximo ponto do roteiro. No caminho para a saída da UNESP registramos mais um indivíduo de coruja-buraqueira. Às 20h já tínhamos registrado cinco espécies de corujas no município, era uma noite promissora.

Quinze minutos depois, já estávamos em contato com a sexta coruja: a murucututu-de-barriga-amarela (*Pulsatrix koenigswaldiana*). Logo que paramos no local do território da espécie que conhecíamos, bastou uma rápida sequência de playbacks e lá estava a coruja pousada em uma árvore emergente na beira da estrada de terra que corta a FEENA. Esta espécie foi *lifer* para a Vivian, que há tempos procurava observá-la.



murucututu-de-barriga-amarela, *Pulsatrix koenigswaldiana*

Foto: Norton Santos

Partimos então para o próximo ponto da corujada, um território de corujas-listradas (*Strix hylophila*) que tínhamos descoberto há pouco mais de dois meses. Esta coruja estava sem registros no município há pelo menos 15 anos. Assim como ocorreu poucos dias antes, um indivíduo de coruja-listrada vocalizou espontaneamente quando chegamos ao local. Após algumas tentativas de atração por *playback*, infelizmente não conseguimos realizar um registro fotográfico. Mesmo assim, já tínhamos sete corujas na lista da corujada. Partimos então para o interior da FEENA.

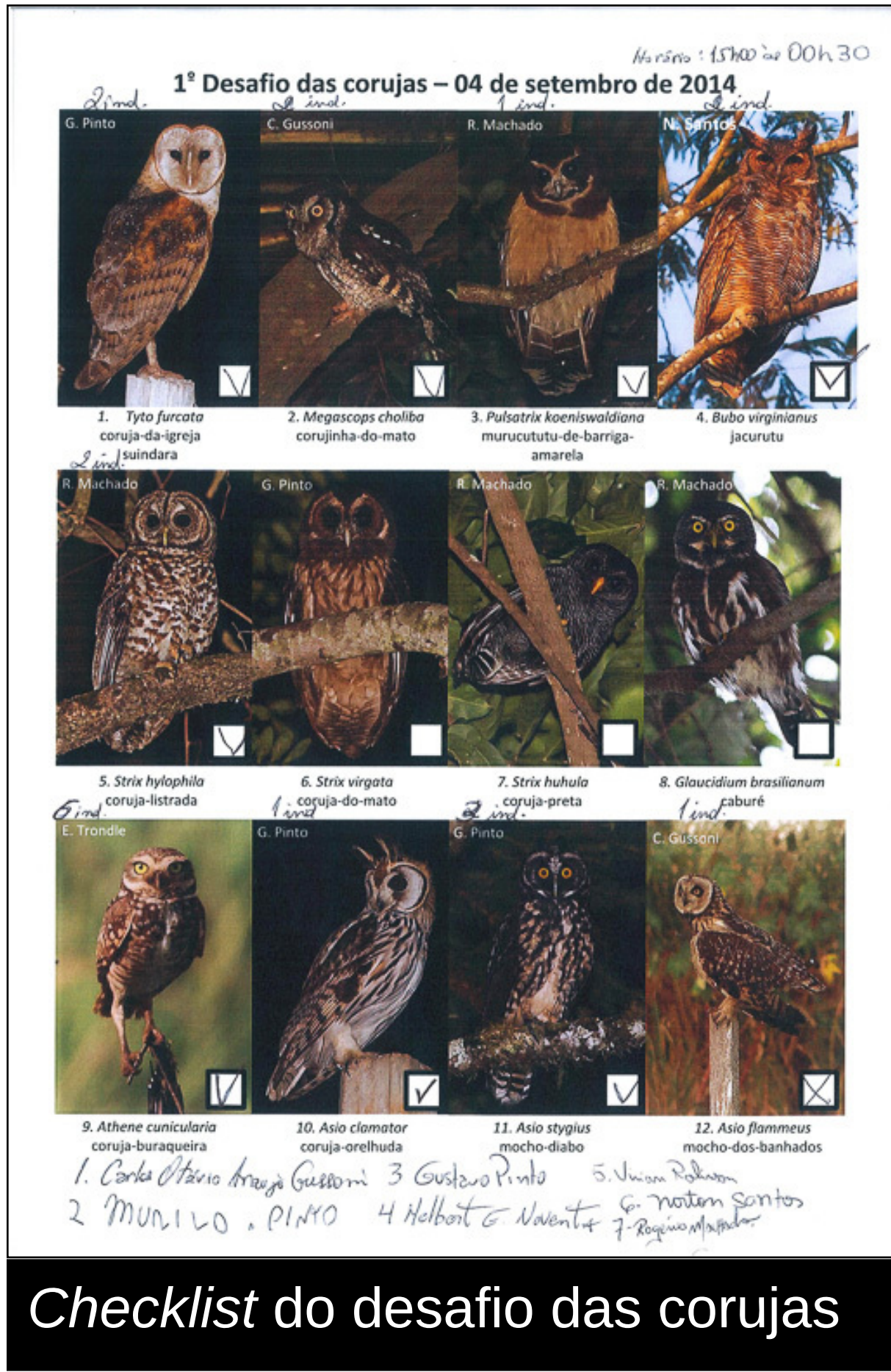


Nos arredores de uma vila abandonada localizada dentro da Unidade de Conservação, começamos a sequência de playbacks pelas espécies menores. A primeira a ser chamada foi a corujinha-do-mato (*Megascops choliba*), que respondeu prontamente. Um indivíduo com plumagem ferrugínea se aproximou bastante e outro vocalizou ao longe. Após o registro da oitava espécie de coruja, começamos a procura pela coruja-da-igreja ou suindara (*Tyto furcata*). O *playback* da vocalização desta espécie atraiu um indivíduo que voou vocalizando sobre o local, mas não pousou nem permitiu fotos. Tínhamos alcançado a marca de nove espécies de corujas registradas em um mesmo dia. No mesmo instante, talvez atraído pelo *playback* da outra espécie, pousou diante de nós um belo mocho-diabo (*Asio stygius*). Mais um *lifer* para um integrante da equipe. No exato momento da aparição do indivíduo, o Rogério não estava com a câmera a postos. Após uma ou duas fotos, Norton emprestou a câmera para ele fazer o registro fotográfico do *lifer*. Garantido o registro, a câmera foi montada e demos



coruja-listrada, *Strix hylophila*
Foto: Rogério Machado

continuidade à corujada. O mocho-diabo permaneceu durante bastante tempo no mesmo poleiro, executando movimentos peculiares com a cabeça e permitindo ótimas fotos. No caminho para o próximo ponto, nos arredores da lagoa central da



Checklist do desafio das corujas

FEENA escutamos mais um indivíduo de coruja-da-igreja. Partimos então para o local onde registramos a coruja-preta (*Strix huhula*) e a coruja-do-mato (*Strix virgata*) alguns dias antes. Infelizmente não conseguimos localizar nenhuma das duas espécies e partimos em busca do outro casal de

coruja-listrada conhecido no município. Até o momento só são conhecidos dois casais de coruja-listrada em Rio Claro. Chegando ao local, levou algum tempo para a coruja aparecer, mas desta vez conseguimos fotografar um indivíduo. Retornamos ao estacionamento da FEENA, de onde partimos em direção às nossas casas. No meio do caminho ainda registramos mais dois indivíduos de coruja-buraqueira, completando 20 indivíduos de nove espécies de corujas registradas na noite. ■



Norton Santos, Gustavo Pinto, Vivian Robinson, Rogério Carlos Machado, Carlos Otávio Araujo Gussoni, Helbert Eduardo Noventa, Murilo Pinto

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que não sou professor de fotografia. Mas são as conclusões a que cheguei até o momento, e que são fruto das minhas reflexões, leituras, e conversas com amigos mais experientes. Não tenho a pretensão de saber muito, pelo contrário, sigo aprendendo, o que é uma alegria.

Bem, dito isso, vamos ao que interessa.

Existem alguns quesitos importantes que devem ser obedecidos para se fazer uma boa fotografia de aves. Um deles é que, seja a imagem de um pássaro imóvel ou em ação, a ave deve estar nítida.

Na maioria das vezes é desejável que a ave inteira esteja nítida, mas nem sempre se consegue esse resultado. Haveria então alguma parte da ave que precisa ser retratada com nitidez, sem o que a foto como um todo perde qualidade? A meu ver a resposta é sim, e essas partes seriam o olho e o bico. Ambos precisam estar nítidos, sem tremuras. Um olho bem focado, nítido, apresentando suas cores naturais (veja foto do cuiú-cuiú ao lado) e com um discreto brilho valoriza bastante a foto. Talvez isso se explique porque quando olhamos para uma outra pessoa ou mesmo para um animal, a primeira coisa que buscamos instintivamente são seus olhos.

Importante notar que com o aprimoramento dos programas de edição de imagem pode-se tentar corrigir o olho da ave no pós foto, muitas vezes com excelentes resultados.

COMO OBTER UMA IMAGEM NÍTIDA

Um pré-requisito muito importante é que a imagem esteja bem focada. Ouso afirmar que uma foto fora de foco não pode ser nítida. É claro que se há alguns truques para diminuir esse problema. Usar o 'sharpen' nos programas de tratamento de imagem é um deles, mas seu uso excessivo tira o aspecto natural da foto.

Fazer um crop relativamente menor da imagem também pode ajudar. Mas é evidente que tentar obter a imagem bem focada no momento do click seria o ideal. A



cuiú-cuiú / *Pionopsitta pileata*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 + TC 1.7x

f/8, 1/500, ISO 1000, @850mm

propósito, embora os sensores das câmeras tenham cada vez mais megapixels, o crop excessivo, embora possa não causar problemas quando a foto é para ser postada na internet, pode vir a reduzir significativamente a qualidade da foto se o destino da mesma for a impressão em livro, revista, etc.

No entanto, não basta a foto estar bem focada para ser nítida.

Imagine, por exemplo, uma ave que está paradinha, numa boa situação de luz, sem galhos na frente, etc. Você a foca com perfeição e solta o dedo. Só que, no

momento em que você clicou, a ave balançou a cabeça. Então, essa imagem poderá estar bem focada, mas não nítida. Veja, como exemplo, as fotos da mãe-da-taoca. A primeira ilustra bem a situação descrita. A segunda já mostra a ave nítida.



mãe-da-taoca / *Phlegopsis nigromaculata*

Nessa foto percebe-se o movimento da ave, dada a velocidade baixa do obturador (1/15s)

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/4, 1/15, ISO 2000, @500mm



mãe-da-taoca / *Phlegopsis nigromaculata*

Foto nítida, feita em velocidade baixa (1/15s) e tripé

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/4, 1/15, ISO 2000, @500mm

Por outro lado, se para mim o mais importante é ter nitidez no olho e no bico da ave, não adianta o ponto de

foco estar no peito ou na cauda da ave, ele precisa estar necessariamente na cabeça. A exceção é quando a ave está numa posição tal que todo o seu corpo esteja num mesmo plano. Mesmo assim, é recomendável tentar focar sempre o mais próximo possível do olho do animal.

Vamos então analisar outros fatores importantes para chegarmos ao resultado que desejamos. Seriam eles: velocidade do obturador, abertura, sensibilidade ISO, levantamento do espelho, disparo por controle remoto, uso de tripé e monopé.

Com relação à velocidade do obturador, é preciso que ela seja suficientemente alta para compensar o tremor das mãos do fotógrafo, do equipamento, que às vezes é bem pesado, do movimento da ave, quando em vôo, por exemplo. Em tese, quanto mais alta a velocidade do obturador mais chances temos de conseguir uma foto nítida.

Mas isso não quer dizer que somente com altas velocidades é possível obter fotos nítidas. Conheço alguns fotógrafos que, mesmo com um equipamento pesado como uma 300 f2.8 conseguem bons resultados sem o auxílio de tripé ou monopé e com velocidades baixas, por exemplo, de 1/20 s. No entanto, a maioria das pessoas não consegue boas imagens a velocidades tão baixas, se tirar a foto "na mão".

Em locais onde a luz disponível é escassa, como as matas atlântica e amazônica, quase nunca se consegue uma velocidade suficiente para se obter boa nitidez a não ser com ISO estratosférica e aberturas do diafragma altas, como 2.8 ou 4.0.

Todos sabemos o resultado de ISO muito elevadas, e quanto a lentes 2.8 apenas uma minoria bem pequena dos fotógrafos a possuem. É bem verdade que existem câmeras top de linha que possibilitam a utilização de ISO acima de 3200 sem perda de qualidade gritante, mas pouca gente tem essas câmeras na nossa comunidade.

O uso de tripés e monopés ajuda, e bastante, a obter fotos nítidas com menor velocidade de obturação.



O problema com esses dispositivos é que a pessoa perde agilidade, e às vezes frações de segundo são decisivas. Eu uso sempre tripé com a minha 500 f/4, e não foram poucas as fotos que perdi ótimas oportunidades de foto em virtude da perda de tempo que envolve mover o equipamento acoplado ao tripé de um lugar para outro, mesmo que a distância seja pequena. Mas enfim, o ganho que tenho podendo fotografar com velocidades mais baixas do obturador me satisfaz.

Outras variáveis que influenciam na velocidade do obturador são a abertura e a sensibilidade ISO. Eu fotografo quase sempre em modo de prioridade de abertura.

Na mata escura coloco a ISO mais alta, geralmente 1600, podendo chegar a um pouco mais, tipo 2000 ou 2500, Acima disso a minha câmera, que é uma Nikon D800, já começa a granular demais. Coloco a abertura no máximo, no caso f4, e compenso a exposição para menos. Isso por que com fundos escuros as câmeras clareiam a imagem, para aproximá-las da cor do famoso cartão cinza. Então, compensar a exposição para menos neutraliza esse clareamento e de quebra me dá um aumento da velocidade do obturador. Na maioria das

vezes lanço mão de uma compensação de exposição entre 0,7 e 1,0. Como uso tripé, as velocidades iguais ou superiores a 1/60 s geralmente já são suficientes para se conseguir fotos nítidas.

Ultimamente tenho lançado mão de fotografar com o dispositivo 'mirror up' (espelho levantado) acionado.

Se por um lado não consigo fazer fotos em sequência veloz (só dá para fazer fotos uma a uma) eu ganho em nitidez, pois o espelho estando imóvel durante o click a câmera treme menos. Esse foi um dos inúmeros conselhos dados pelo saudoso Luiz Claudio Marigo, com quem tive a felicidade de aprender muita coisa. Algumas pessoas usam o disparador por controle remoto, e elogiam os resultados. Eu confesso que ainda não usei.

Foto: Jefferson Silva



maria-leque-do-sudeste / *Onychorhynchus swainsoni*

Foto feita com controle remoto e espelho levantado

Canon 7D, 500mm f/4 IS L | f/4, 1/15s, ISO 400, @500mm



pavó / *Pyroderus scutatus*

Foto em velocidade baixa (1/13s), tripé e espelho levantado

Nikon D800, Nikkor 200-400mm f/4 | f/4, 1/15, ISO 2000, @320mm

Com o espelho levantado consegui fotos bem nítidas com velocidades em torno de 1/10 s. Nesse caso, se a ave se mover nem que seja um pouquinho a foto fica borrada, mas se ficar quietinha muitas vezes fica legal. Um bom exemplo é a foto do pavó.

Bem, é claro que em locais com abundancia de luz as configurações são outras.

Se estou por exemplo num local de cerrado, como a Serra da Canastra ou o Parque das Emas, não vou usar espelho levantado, pois esse artifício impede fotos rápidas em sequência. Vou muito provavelmente fechar a abertura e diminuir a ISO. Isso vai me dar mais nitidez e riqueza de detalhes.

Mas uma coisa que gosto nesses locais onde a luz é farta é fotografar com velocidades altas do obturador. Mesmo que para isso eu não baixe tanto a ISO. A razão é a seguinte: vamos imaginar que alguém esteja fotografando uma ave empoleirada, quietinha. De repente, sem avisar, ela faz um movimento, como se espreguiçar, ou levantar as asas, ou ate mesmo decolar. Se a câmera está regulada para ter uma alta velocidade de obturação as imagens que captarem esses movimentos têm mais chances de ficarem nítidas. O que perco com isso é uma riqueza de detalhes a mais pelo fato da ISO não estar tão baixa. Aí é questão de gosto, eu prefiro não perder a chance de conseguir uma foto nítida com alguma ação. Veja um exemplo na foto ao lado, do papagaio-verdadeiro.

Um detalhe que vale a pena mencionar e que independe do equipamento que a pessoa possa ter, seja ele sofisticado ou simples, leve ou pesado, é a atenção na hora de clicar. Procurar se concentrar ao máximo no momento e segurar o equipamento de maneira firme, de forma a diminuir a trepidação do mesmo, é bem importante. Pressionar levemente a câmera contra o rosto pode ajudar. Para os que, como eu, usam tripé, posicionar a mão esquerda sobre a lente para com o peso da mão evitar a trepidação do equipamento na hora do click também é aconselhável



papagaio-verdadeiro / *Amazona aestiva*

Foto em velocidade baixa (1/13s), tripé e espelho levantado

Nikon D800, Nikkor 400mm f/4

f/11, 1/1255, ISO 1600, @400mm, -0.3

Bem, esses foram os pontos que considerei importantes abordar para se obter uma foto nítida. Muito provavelmente existem outros, que posso ter esquecido ou que infelizmente desconheço.

Como disse no início do texto, não sou professor, me vejo como alguém que gosta de aprender e também de compartilhar seus conhecimentos, por mais que possam ser imperfeitos e incompletos.

Devagar e sempre a gente vai chegando lá! ■



O Estado do Paraná figura entre as principais federações do Brasil tanto no que se refere à diversidade do número de espécies, como no número de observadores de aves. "Aves do Paraná (Birds of Paraná) - Volume I" é o primeiro de uma série de três volumes que pretendem ilustrar toda essa diversidade e a rica avifauna da região. Esse sensacional trabalho é o resultado da junção de forças entre Fernando Straube e Marcelo Krause.

Fernando Costa Straube é ornitólogo, autor de mais de uma centena de artigos especializados, livros e estudos técnicos, bem como consultor de periódicos científicos do Brasil e exterior e de entidades oficiais e privadas ligadas à pesquisa e conservação da natureza. Dedicou-se ao levantamento de aves, notavelmente do Paraná e de Curitiba, mas também à taxonomia, biogeografia, história



Capa do livro: grimpeiro, *Leptasthenura setaria*

das ciências, educação ambiental e à divulgação da prática de observação de aves no Brasil. É sócio-diretor da Hori Consultoria Ambiental e membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO).

Marcelo Krause é fotógrafo profissional especializado em fotografia submarina e natureza. Escreveu e fotografou inúmeros artigos para revistas especializadas na área no Brasil, dentre elas revista Mergulho, National Geographic Brasil, BBC Wildlife Magazine, Náutica, Late Life, assim como diversos web sites e revistas digitais. Suas fotos foram premiadas em importantes concursos nacionais e internacionais, como por exemplo, BBC Wildlife Photographer of the Year e no Festival Mondial de L'image Sous-Marine. Já participou de exposições fotográficas solo e coletivas e dá palestras regularmente sobre temas relacionados à fotografia de natureza.

O livro, escrito em português e em inglês, inicia com lindíssimas fotos e um inspirado texto introdutório, onde o leitor é convidado a embarcar em uma verdadeira viagem



papa-piri, *Tachuris rubrigastra*

através das paisagens e biomas típicos do Paraná. O belo texto é poesia pura sobre montanhas, praias, rios, vales, florestas e matas paranaenses. O texto segue leve e soa como um voo de contemplação por essas terras. Durante a leitura, o leitor é praticamente transportado para esses fantásticos ambientes e é capaz de ver, ouvir e sentir as aves que habitam cada parte desses complexos e magníficos cenários.

O leitor, que após a leitura desse texto introdutório ainda tenta recuperar o fôlego depois de uma viagem em forma de voo por terras paranaenses, deve se preparar ainda mais para o que vem a seguir. São dezenas de fotos, verdadeiras pinturas, de diversas espécies que habitam a região. Cada foto é devidamente acompanhada de um belo texto descrevendo o nome e as informações mais relevantes sobre a espécie. Apenas para atiçar a curiosidade de vocês, algumas dessas fotos podem ser encontradas nesse artigo.

O livro é muito bem produzido e apresenta grandes

dimensões (31 cm x 31 cm), o que valoriza ainda mais os detalhes das belas espécies registradas pelo olhar único do autor. É uma aquisição obrigatória para a biblioteca de qualquer amante de fotografia, de aves e da natureza de uma das mais belas regiões do nosso Brasil.

Informações

TÍTULO: Aves do Paraná (Birds of Paraná) - Volume I

AUTOR: Fernando Straube e Marcelo Krause

EDITORA: Underwater Books

IDIOMA: Português / Inglês

ISBN: 978-8598697-06-2

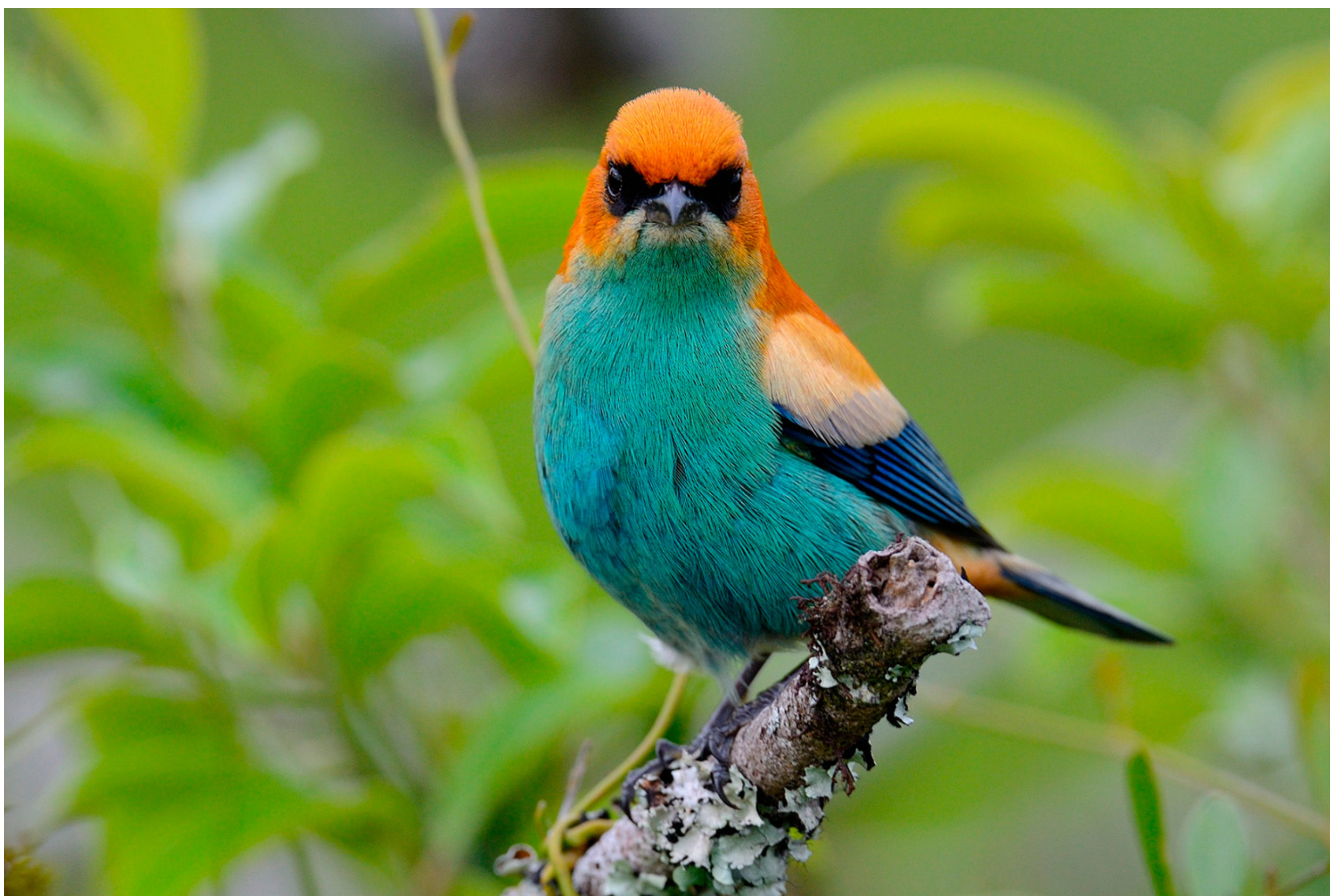
FORMATO: 31 cm x 31 cm

PÁGINAS: 176 páginas

WEBSITE: <http://www.underwater.com.br> ■



pia-cobra, *Geothlypis aequinoctialis*



saíra-preciosa, *Tangara preciosa*



UMALENTE MUITO ESPERADA

Nem sempre estar em companhia de um fotógrafo de aves é um bom negócio. Em geral são pessoas calmas (fotógrafos nervosos não duram mais do que alguns minutos na frustrante tarefa de fotografar esses pequenos, agitados e inconstantes seres alados), mas isso não impede de que sejam muitas vezes extremamente ranzinzas, resmungando contra todos os deuses que se divertiram colocando algumas das aves mais bonitas e raras em ambientes tão complicados de fotografar como, por exemplo, a mata atlântica.

Recentemente, pude ter meus momentos de mau humor quando fui fotografar no sul de São Paulo, na região do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, mais comumente conhecido como PETAR. Ambientes escuros, aves ariscas, pousando em galhos altos, ou invisíveis no meio das brenhas, enfim, o lugar oferece todos os desafios aos quais um fotógrafo de aves está acostumado. Porém, essas dificuldades foram amenizadas pelas aves do lugar, algumas das joias dessa região, e pelo prazer de usar a nova lente 80-400mm da Nikon.

Quando falamos em equipamento para fotografar aves, não há dúvidas de que, por mais importante que seja o



corpo da máquina, por mais que alguns acessórios ajudem enormemente nessa tarefa, a lente é sempre o centro das nossas preocupações. Uma boa lente vale, literalmente, quanto pesa e quanto custa. Esses, aliás, são os principais problemas das boas lentes: peso e custo. Por isso, conjuntos que consigam lidar com essas variáveis, diminuindo o valor dos dois, são os mais valorizados por esse tipo de fotógrafo. Sem dúvida, o ideal é uma lente mais leve, de custo razoável, e por isso modelos como a Canon EF 100-400mm f/4.5-5.6L IS USM, ou as “Bigmas” (particularmente, hoje, a Sigma 50-500mm f/4.5-6.3 APO DG OS HSM, e as novas Tamron e Sigma, ambas com a extensão 150-600), ou mesmo a versão anterior dessa nova lente da Nikon, a AF VR Zoom-NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6D ED, são muito valorizadas. Leves, relativamente compactas, com seu preço girando, nos EUA, em torno de 1,5 mil dólares, acabam sendo a escolha de um número bem grande de fotógrafos de aves que não estão dispostos a pagar o preço bem superior das lentes fixas, ou que hesitam diante do peso delas, que quase sempre obrigam ao uso de um bom conjunto de tripé e cabeça.

Essas lentes zoom, no entanto, sempre ofereceram um problema. Embora produzam ótimos resultados, a fotografia de aves, especialmente com o advento da fotografia digital, atingiu um patamar de exigência de qualidade muitas vezes quase cruel. Nitidez, contraste, saturação das cores, o amante desse tipo de imagem



juruba-verde / *Baryphthengus ruficapillus*

Nikon D4 | f/5.6, 1/320, ISO 800, @400mm

exige de si resultados que uma lente zoom normalmente não entrega com facilidade. Isso explica porque muitos amadores (e alguns profissionais) estejam utilizando cada vez mais conjuntos de lentes fixas, como as 300mm, 400mm e até mesmo 500mm, ainda utilizáveis “na mão”, associadas a teleconverters. Apesar da perda de luminosidade (e consequente dificuldade em focar, e degradação do resultado), uma fixa compensa esses problemas quando produz imagens de boa qualidade com uma regularidade muito maior do que as lentes zoom mais antigas. Ainda mais com a espantosa evolução da captura de imagens com ISO elevado, permitindo uso de aberturas mais fechadas e velocidades mais altas, o que, junto com os estabilizadores que estão presentes nas maiorias das lentes atuais, compensam boa parte do escurecimento que um bom teleconverter possa provocar.

A nova 80-400 da Nikon, contudo, talvez permita uma mudança nessa lógica de se buscar cada vez mais lentes fixas, retornando à ideia de uma lente zoom razoavelmente pequena, custando pelo menos metade do preço de uma fixa, e com uma qualidade ótica que pode ser resumida como sendo “saborosa”.

Ao contrário do modelo anterior, datado de mais de 20 anos, a nova AF-S NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6G ED VR

é uma lente completamente silenciosa, e com o foco muito rápido, especialmente se utilizada em câmeras de ponta da Nikon, como a D4, a D810 ou mesmo as novas D7200 e D750. Terminou a barulheira infernal do modelo anterior, assim como a irritante dificuldade de focar, no modo AF, quando havia uma situação de pouca luz. A qualidade da imagem é excelente, mas a verdade é que isso também acontecia no modelo anterior. O que muda, sem dúvida, é a facilidade e a constância como se chega a esse resultado.

A lente incorpora o novo sistema de estabilização da Nikon, que auxilia bastante na obtenção de imagens nítidas em situações de pouca luz. No entanto, nas várias imagens que fiz durante as caminhadas no PETAR, ficou evidente que essa característica não é suficiente para compensar o fato de que, em 400mm, estamos diante de uma lente escura. Para garantir um bom resultado, foi preciso subir consideravelmente o ISO, fechar a abertura em torno de 8, e colocar uma velocidade, muitas vezes, no limite (algumas fotos foram feitas na faixa do 1/30s). É uma lente pesada, uma sensível diferença com relação ao modelo anterior. Pode-se dizer que é uma lente “gorda” (em torno de 10cm de diâmetro, 1 cm a mais do que o modelo anterior) e comprida (20cm, enquanto que a antiga tinha 17). Isso atrapalha um pouco a

araçari-poca / *Selenidera maculirostris*

Nikon D4 | f/5.6, 1/500, ISO 800, @400mm

saíra-militar / *Tangara cyanocephala*

Nikon D4 | f/5.6, 1/500, ISO 800, @400mm



Nikon AF-S NIKKOR 80-400mm
f/4.5-5.6G ED VR

Continuação

“empunhadura” da lente, mas não chega a ser incômodo. Um ponto importante é o modo de focagem A/M, permitindo alternar o foco automático e o manual sem precisar tirar o olho do visor da câmera, apenas girando o anel de foco, o que é especialmente útil na fotografia de aves em ambientes muito “poluídos”, com excessos de galhos, ramagens, folhas, etc.

Um ponto negativo, porém, é o preço. Custa mil dólares a mais que a AF VR Zoom-NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6D ED, o que a torna uma escolha menos confortável. Somando-se a um corpo e alguns outros itens necessários para esse tipo de fotografia, atinge-se com facilidade a soma de 4 mil dólares, um valor nem sempre acessível para a maioria dos fotógrafos amadores.

Uma grande decepção foi a utilização dos teleconverters da Nikon. O que era impossível no modelo anterior, por razões de encaixe, nessa ocorre por razões de qualidade final da imagem. Experimentei com os modelos 1.4, 1.7 e 2x, e em nenhum deles o resultado foi bom. No caso do 2x, o foco automático ficou praticamente inviável, sendo necessário o foco manual e o uso de abertura f/11. O modelo 1.4 portou-se ligeiramente melhor, mas mesmo assim o resultado final foi decepcionante. Naturalmente, uma lente 80-400 por si só já oferece ótimas opções de aproximação, mas seria bem interessante poder usá-la com uma distância focal de, por exemplo, 120-560, mas essa infelizmente acaba não sendo uma opção para quem deseja imagens de nitidez e foco perfeitos.

É uma lente, porém, que oferece diversas outras compensações. E uma delas, com certeza, é sua versatilidade. Com ela, é possível fazer retratos ou mesmo um registro de uma paisagem, embora, é claro, não rivalize com a qualidade de uma grande angular. No entanto, é uma comodidade saber que se pode, a qualquer momento, alternar de uma foto de uma ave para fazer um instantâneo dos companheiros de viagem ou mesmo uma foto que ajude a identificar o ambiente onde a ave vive.

Podemos dizer, então, que é uma lente muito bem vinda, resgatando para a Nikon um público que vinha



pimentão / *Saltator fuliginosus*
Nikon D4 | f/5.6, 1/250, ISO 800, @400mm

reclamando da falta de novidades nesse setor há um bom tempo. Foram lançados novos modelos de lentes fixas, a revolução das compactas é algo assombroso, e nos últimos anos vimos uma progressão de modelos de DSLR’s cada vez mais sofisticadas, sem que esse setor de lentes tivesse sido contemplado. Agora, podemos contar com uma lente excelente, ideal para viagens onde levar uma lente fixa pode ser um transtorno, pela ansiedade que gera despachar o equipamento na bagagem de mão.

PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Peso	Preço
Qualidade da imagem	Foco em baixa luz
Estabilização e velocidade de foco	Uso de teleconverter
Versatilidade	

FICHA TÉCNICA

Encaixe	F-Mount
Distância focal	80-400mm
Abertura máxima	f/4.5-5.6
Abertura mínima	f/32-40
Distância mínima de foco	1,75 m
Tamanho do filtro	77 mm
Peso	1,570 Kg
Preço aproximado	US\$ 2.700 (EUA)



Enquanto em 1946 os brasileiros estavam muito ocupados em conhecer e desbravar o país, em ocupar territórios desconhecidos e explorar os recursos naturais, um birdwatcher norte-americano, chamado William Belton, era enviado a Porto Alegre como cônsul do seu país.

Observador de aves amador na sua terra natal, tornou-se amigo íntimo do Dr. Helmuth Sick, também um estrangeiro, um dos poucos homens que naquela época estudava as aves brasileiras de forma séria e sistemática, ocupando a posição de ornitólogo no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Belton trabalhou no consulado norte-americano em Porto Alegre até 1948 e nestes três anos se deu conta do enorme potencial que havia para a atividade de observação de aves no Brasil.

Em 1970, já aposentado, escolheu a cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, como seu lugar de residência. De lá partiu, em inúmeras expedições, para os mais diversos rincões do estado do Rio Grande do Sul, a fim de observar aves.

Em 1972 ministrou o primeiro curso de extensão na Unisinos, que foi repetido em 1974 por um de seus discípulos, o biólogo Flávio Silva. Ao final desse segundo curso, com os participantes acampados às margens do Rio Caí, na fazenda Chaleira Preta (hoje Pólo Petroquímico de Triunfo), surgiu a ideia de fundar um Clube de Observadores de Aves. Assim, no dia 11 de novembro de 1974, foi fundado o primeiro COA do Brasil.

Aos poucos a notícia se espalhou e outros núcleos de observadores, também chamados COA, foram surgindo em diversos estados do Brasil. Enquanto surgiram o COA-MG, o COA-RJ, o COA-PR e tantos outros, aqui no Rio Grande do Sul o COA entrou em estado de hibernação.

Em 1984 Flávio Silva e Maria Alice Fallavena ministraram



Turma do curso de 1984

Foto: Arquivo pessoal do biólogo Flávio Silva

um novo curso de observação de aves no Parque Zoológico, em Sapucaia do Sul, ao final do qual o COA-RS foi reativado. Foi um período longo de atividades que se estendeu até 1996. Durante esses quase 13 anos de atividades ininterruptas, foram realizadas 72 reuniões e 56 saídas a campo. Um dos pontos altos deste período foi a excursão à Estação Ecológica do Taim em 1986, que contou com a participação de William Belton.

No interior do RS também haviam surgido alguns núcleos, mas na capital seguiu-se outro longo período de inatividade, que durou até maio de 2009, quando remanescentes dos primeiros dias do COA e novos entusiastas, retomaram as atividades sob a denominação de Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre (COA-POA).

Hoje o COA-POA é uma entidade organizada, com estatuto, diretoria eleita e página na internet.

As atividades passadas estão todas documentadas nesta página assim como o calendário de atividades futuras.

O COA-POA conta hoje com mais de 260 associados, e realiza promoções voltadas a eles e também ao público em geral, buscando cumprir assim as metas declaradas nos objetivos da entidade:

a) Promover a observação e o estudo das aves silvestres em liberdade e dos ambientes naturais que elas ocupam.

- b) Estimular o aprimoramento da legislação ambiental e exigir o cumprimento das leis existentes.
- c) Combater e desestimular a destruição e o uso irresponsável dos ambientes naturais e promover a conservação e o respeito à liberdade das aves silvestres.
- d) Manter intercâmbio científico e cultural com instituições afins.
- e) Incentivar a criação de novas áreas de proteção ambiental, tanto públicas quanto privadas.

Atualmente as principais atividades regulares do COA-POA são:

- Uma reunião mensal com relatos dos associados e palestra técnica;
- Uma saída a campo por mês, para destinos de alto interesse ornitológico;
- Exposições fotográficas;
- Oficinas de iniciação à fotografia de aves;
- Oficinas de iniciação à observação de aves;
- Apoio técnico-científico para implantação de abrigos de observação;
- Atividades abertas à população em praça pública;
- Comemoração pública do Dia da Ave;
- Exposição e palestras no Festival de Aves Migratórias da Lagoa do Peixe;



Belton montando a barraca na Lagoa do Peixe

Foto: Arquivo pessoal do biólogo Flávio Silva

- Participação na produção de matérias sobre observação de aves na mídia regional (TV e jornal);
- Manutenção de página atualizada na internet;
- Assinatura de revista ornitológica e manutenção de pequena biblioteca;
- Produção e distribuição de material impresso sobre o COA-POA;
- Resposta rápida e objetiva aos questionamentos da população com relação à atividade de observação de aves, formulados através da página na internet.

Conheça o COA-POA e as atividades promovidas em:
www.coapoa.org ■



Atividade de divulgação em praça pública em Porto Alegre/RS

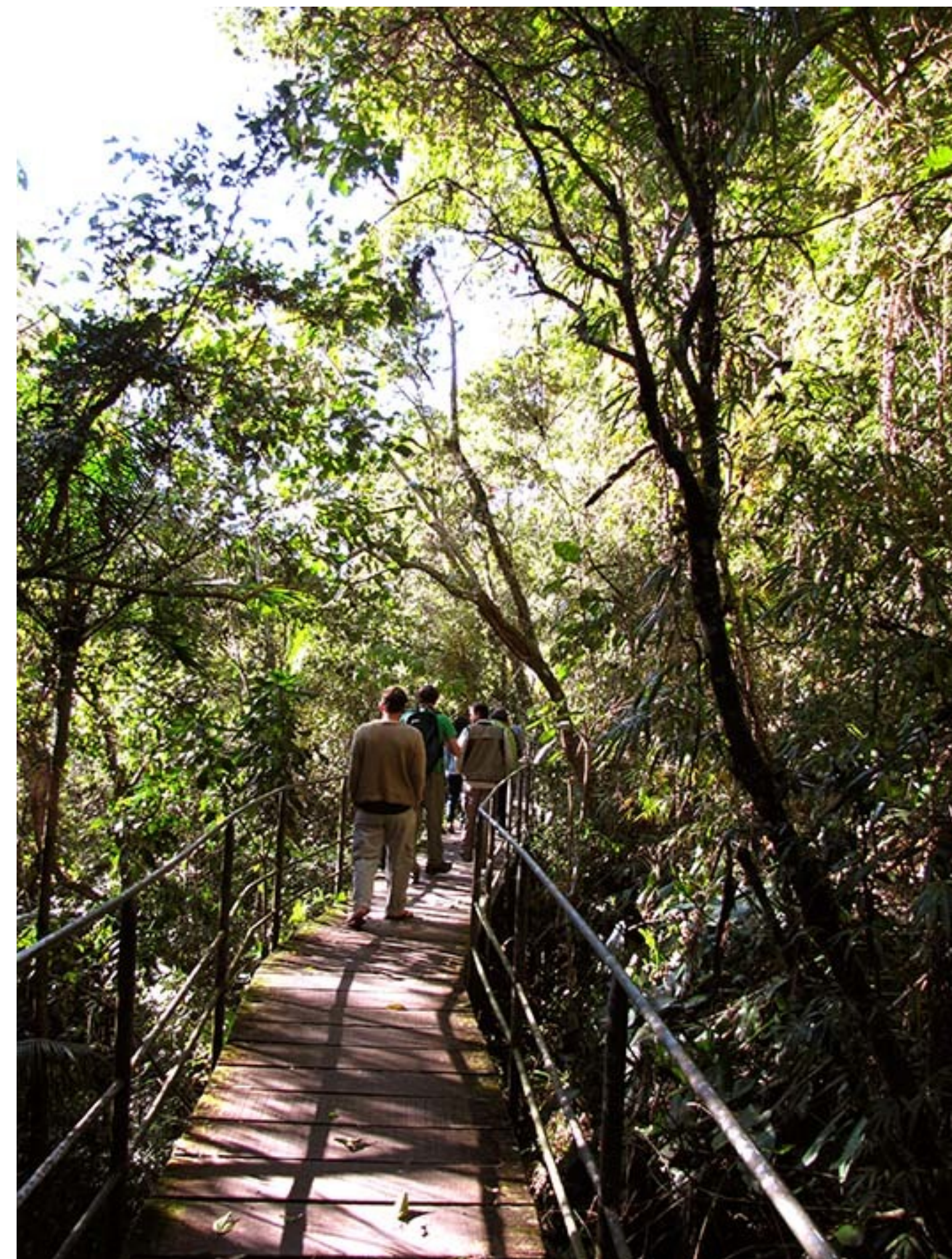


Exposição fotográfica no Dia da Ave em 2014

Todo observador de aves gosta de... observar aves, claro. Mas não é só isso. Nós também gostamos de fotografar e de falar sobre passarinho, entre tantas outras coisas. E como o número de praticantes só aumenta no Brasil, é natural que os eventos dedicados à atividade também se multipliquem. No primeiro semestre já tivemos Avistar, Avistar Brasília, Festival do Papagaio-charão e Papagaio-de-peito-roxo e o Global Big Day. Mal começou agosto e já aconteceu o Festival Aves do Rio, Festival Sul-americano de Observadores de Aves, Avistar Vale Europeu e British Birdwatching Fair. E ainda tem mais, até o fim do ano acontece o Festival Aves de Ubatuba, Avistar ES, Avistar Rio, Festival Aves Migratórias no Parque Nacional Lagoa do Peixe e Big Day Brasil. Dos primeiros já falamos nas edições anteriores da Revista Passarinando, então aproveito para comentar estes quatro que aconteceram entre agosto e setembro.

Festival Aves do Rio – O evento aconteceu no Parque Nacional Serra dos Órgãos em Teresópolis/RJ, entre os dias 18 e 19 de agosto, uma ação do SEBRAE/RJ em parceria com ICMBio e SETUR com objetivo de promover o turismo de observação de aves entre os empresários e gestores da região. Com cerca de 80 participantes de diversas localidades, foram discutidos temas relevantes sobre este segmento com potencial de desenvolvimento econômico na região. Além das palestras, que abordaram temas de interesse a empresários e gestores, foram promovidas duas saídas para observação de aves, sendo uma na trilha suspensa do Parque e outra na Pousada Paraíso, em Petrópolis. Os três dias de atividade foram suficientes para destacar como a

observação de aves pode crescer e se desenvolver, não apenas como complemento às atividades turísticas já desenvolvidas em algumas regiões, mas sendo uma ótima alternativa para atrair visitantes em Unidades de Conservação.



Palestra no Festival Aves do Rio



Palestra no Festival Aves do Rio

British Birdwatching Fair – A 26ª edição aconteceu entre 21 e 23 de agosto em Egleton/Rutland, na Inglaterra. Considerada a maior feira mundial do segmento, teve mais de 20 mil visitantes, com cerca de 300 stands com produtos e serviços. É o principal ponto de encontro entre observadores de aves, guias, operadoras especializadas e hotéis do mundo todo, voltada não apenas à divulgação dos destinos, mas

também à comercialização de pacotes para os anos seguintes. Além disso, uma grande oportunidade para saber como os outros países estão trabalhando com esta atividade e claro, aproveitar para conhecer novas espécies. Já há alguns anos o Brasil se faz presente timidamente, com empresários e guias participando por conta própria. Porém este ano o Avistar Brasil conseguiu um stand, onde foram apresentados destinos brasileiros, numa parceria com a EMBRATUR. Esta ação foi importante para que os observadores de aves estrangeiros pudessem ter mais informações sobre o Brasil, inserindo nosso país na rota do turismo internacional de birdwatching com mais vigor. Isso é importante para movimentar o trabalho de guias especializados e destinos com vocação dentro do segmento, especialmente com a alta do dólar favorecendo o turismo internacional.

Festival Sul Americano de Observadores de Aves – Embora Paraty seja conhecida principalmente pela arquitetura histórica e beleza das praias, essa região concentra uma quantidade interessante de

aves, e por essa razão, pelo terceiro ano consecutivo, sediou um festival de aves, entre os dias 09 e 12 de setembro no Espaço Shambhala Lounge. Porém desta vez a parceria entre a Associação Cairuçu, Sebrae-RJ e Aves Argentinas teve status de evento internacional. Diferente das edições de 2013 e 2014, que focaram mais os aspectos locais, o evento contou com a presença de participantes argentinos e uruguaios, sendo a primeira vez que a Feria de Aves de Sudamerica vem ao Brasil. O evento começou com uma nova edição do workshop Infraestrutura para Turismo de Observação de Aves e algumas palestras destacando as aves argentinas e da mata atlântica. A educação ambiental era um dos objetivos do evento, que recebeu mais de 300 crianças das escolas da região, e foram realizadas três passarinhadas nas trilhas da região, com destaque para a Fazenda Murycana, onde é realizado monitoramento ambiental em parceria com o Observatório de Aves do Instituto Butantan/SP. A realização deste evento foi importante por colocar o Brasil no foco de interesse de observadores de aves latino-americanos, onde a atividade também vem crescendo nos últimos anos.

British Birdwatching Fair
- Considerada a maior feira mundial do segmento, teve mais de 20 mil visitantes, com cerca de 300 stands com produtos e serviços.



Observadores de aves no festival de Paraty/RJ



Festival de Paraty/RJ

II Avistar Vale Europeu – Nos dias 19 e 20 de setembro aconteceu a segunda edição deste evento promovido pelo Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí/CIMVI, Seledon Turismo e do Clube de Observadores de Aves do Vale Europeu/COAVE.

Seu objetivo era promover e incentivar a observação de aves entre o público em geral, chamando atenção dos frequentadores do Jardim Botânico de Timbó/SC, local do evento.

Foram diversas palestras e uma mesa redonda sobre caça x observação de aves, além de cursos, *stands* com produtos da região e atividades infantis para as crianças e duas passarinhadas no Jardim Botânico da cidade de Timbó.

Formar público local é importante, pois incentiva a continuidade da atividade e aumenta o número de pessoas sensibilizadas quanto à conservação ambiental.



Criançada aprendendo desde cedo

Participar desses eventos é ideal para conhecer pessoas, assistir palestras e participar dos mini-cursos oferecidos, uma grande oportunidade de também conhecer as aves das regiões onde são realizados e compartilhar experiências. Além disso, incentiva e fortalece uma atividade turística totalmente conectada com conservação e educação ambiental. Então fique de olho na programação dos próximos eventos!



Avistar - Vale Europeu



Passarinando durante o Avistar Vale Europeu

Vivemos uma oportunidade real de conseguir a liberdade para fotografar e divulgar a natureza brasileira

ICMBio e Fundação Florestal usam dados e fotos do Wikiaves (não sem antes pedir autorização ao autor), mas como instituições ainda não reconhecem a importância da observação de aves.

A Instrução Normativa 19, de 2011, que regula a fotografia nos parques nacionais diz que a fotografia que não altera a rotina do parque não precisa de autorização prévia. Já a Portaria 175 da Fundação Florestal, de 2012, diz que fotografar sem autorização pode ser considerado crime ambiental. Nenhum dos textos fala de incentivos à atividade de observação de aves e fotografia de natureza.

Mais informações estão disponíveis no site virtude-ag.com, nesse link.

Os casos em que as pessoas são proibidas de fotografar (porque o segurança olha para você e acha que sua câmera é grande demais) são mais comuns nos parques estaduais e municipais, mas uma situação é comum às duas autarquias: elas ainda não conseguiram assumir que vivemos a era da fotografia digital e das redes sociais. Os sites do ICMBio e da Fundação Florestal não falam nada sobre a fotografia nem reconhecem que existem os milhares de fotógrafos, não incentivam os visitantes a compartilharem fotos e promoverem os parques. Quase não há livros ou outras publicações impressas ou eletrônicas sobre o país com a maior biodiversidade do planeta.

Também no site virtude-ag.com, nesse link, temos mais informações sobre esse ponto.

Nosso vazio cultural não é um acaso. Ele é fruto das relações autoritárias entre governo e população. Enquanto qualquer gestão conectada com a realidade faz de tudo para que as pessoas promovam espontaneamente sua empresa, produto, causa, ou local, no Brasil a divulgação dos parques fica submetida a



autorização prévia e pagamento de taxas. Mesmo divulgação em blog já me mandaram assinar formulário. Até a Shutter Stock (um dos maiores bancos de imagem) sabe que não se pode usar fotos dos parques nacionais brasileiros, nem para uso editorial.

Em julho de 2015 uma panfletagem dos fotógrafos amadores chamou a atenção do presidente do ICMBio, o sr. Cláudio Maretti, que numa demonstração de boa vontade e abertura, criou um post no próprio Facebook para falar do assunto. Os amadores aproveitaram o momento e enviaram várias mensagens para a Ouvidoria da Fundação Florestal, que respondeu com agilidade, legitimando nossas reclamações e prometendo uma reunião até o final de setembro.

Nos dias 24 e 25 de setembro tivemos as primeiras reuniões com ICMBio e Fundação Florestal. A reunião com o ICMBio foi em Curitiba, durante o Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, o CBUC. Não conseguimos um representante dos amadores para participar, mas combinamos o discurso com a AFNatura (que fez a conversa com o sr. Cláudio Maretti e outros gestores), e também mandamos uma carta para o sr. Cláudio Maretti para destacar os nossos pedidos de liberdade para fotografar e publicar. O fotógrafo Zig Koch, presidente da AFNatura, nos enviou um reporte da reunião, considerada bastante positiva, com possibilidade de alterações na Instrução Normativa 19, mas também

várias reclamações de gestores sobre arrogância e dificuldade de comunicação com os fotógrafos.

Participei da reunião com a Fundação Florestal. Foi sexta-feira em São José dos Campos, na Univap, e contou com a participação de vários representantes. Não sabia o que esperar da reunião, fui preparada para lidar com pessoas que talvez fossem até contra a observação de aves. Levei minha câmera, binóculo, câmera compacta, uma mala cheia de livros de fotografia e birdwatching, apresentações, fotos. Mas não precisei usar, a reunião foi muito boa. Nossos interlocutores na Fundação Florestal, Carlos Eduardo Beduschi e Mauro Castex, ambos do Núcleo de Novos Negócios e Parcerias para a Sustentabilidade, são pessoas do bem, realmente dispostas a fazer a diferença a favor da natureza. Eles marcaram uma reunião das 9h às 16h. Na primeira parte da reunião, pediram para cada pessoa se apresentar. Essa parte foi longa, mas muito enriquecedora. Depois do almoço começamos a discutir a proposta de uma portaria que eles haviam enviado três dias antes da reunião.

O texto não era bom para nós. Eu tinha pedido ajuda para o pequeno grupo que desde o começo da panfletagem em julho me ofereceu ajuda. Compartilhei o arquivo, discutimos os pontos, fiz diversos comentários com marcas de revisão, mas acabei não mandando, decidi que era melhor conversar ao vivo e realmente foi melhor assim, teria sido um começo negativo.

Imagino que graças aos depoimentos da parte da manhã, em que os representantes de diversos setores explicaram o que é a observação de aves, quem são os observadores de aves, como a atividade ajuda a natureza e as comunidades, na segunda parte foi fácil explicar por que o texto precisava ser alterado.

As declarações de um gestor de Unidade de Conservação que é birdwatcher, conhece os birdwatchers, já teve uma foto usada em um artigo científico; de um birdwatcher que guia estrangeiros no Brasil e sabe como funciona o mercado em outros

países, especialmente na Costa Rica — e citou vários exemplos que podem inspirar e direcionar o ecoturismo no Brasil; o trabalho feito por uma organização que cuida da inclusão dos caiçaras no entorno do parque e transformou caçadores em guias de natureza; a participação do Centro de Estudos Ornitológicos apoiando a liberdade para os observadores de aves; da SAVE Brasil, que além de ter divulgado um excelente texto de apoio à atividade enviou uma representante que falou sobre o projeto de ciência cidadã e como observadores de aves ajudam no levantamento de dados sobre a população de aves; um representante da Secretaria Estadual do Turismo que formou um grupo de trabalho para desenvolver a observação de aves na cidade e no Estado de São Paulo; de um guia ornitológico que já sofreu várias restrições em parques públicos; de um ornitólogo que falou de propostas para minimizar o impacto da visita nas trilhas; e de uma editora de um site de divulgação do birdwatching que anda extremamente preocupada com o avanço da bancada ruralista e outros destruidores da natureza, e não imagina outra solução que não seja incentivar o uso público dos parques para que a população possa barrar a crescente destruição da natureza — todos esses depoimentos fizeram com que nossos interlocutores da Fundação Florestal entendessem por que a observação de aves, as fotos e a divulgação, as organizações e outros trabalhos voluntários devem ser liberados e incentivados.

Na reunião nossos interlocutores pediram para a gente não comentar com pessoas de fora do grupo de trabalho o conteúdo da portaria enquanto ela estiver em processo de aprovação. Mas isso não me impede de elogiar a postura de Carlos Beduschi e Mauro Castex: eles ouviram com atenção todos os depoimentos, apoiaram as pessoas, falaram coisas como “estou aprendendo muito hoje”, e no momento em que tivemos que fazer nossas críticas a essa versão preliminar da portaria, eles ouviram e aceitaram tudo. Em poucos minutos eles reconheceram que tínhamos razão nos nossos argumentos, e não teve

nenhum salto alto, nada de falar “eu sou uma autoridade, você não entende meus motivos”, e sim “Vocês têm razão, vocês estão certos, não tínhamos visto por esse ângulo”. Parece um sonho, mas foi real, eu nem acreditava. Teremos próximas reuniões, com mais convidados

É claro que o fato de termos ótimos interlocutores não garante o resultado final. Os funcionários que são contra o uso público dos parques podem agir para barrar as mudanças, o jurídico da Fundação pode agir de forma retrógrada e contrária à população, como alguns jurídicos costumam fazer. Se as pessoas que são contra o uso público forem muito fortes, elas podem até mesmo dissolver o grupo de trabalho. Aí teríamos que partir para a briga, situação que não achamos interessante para nenhum dos lados e que parece que não será necessária.

Mas pelo menos neste momento é preciso elogiar a atuação da Fundação Florestal, representada por Carlos Beduschi e Mauro Castex. Gostaria que todas as nossas instituições tivessem funcionários assim, dispostos a realmente ouvir a população e capazes de reconhecer prontamente os casos em que nossos argumentos são

mais amplos.

Meus sinceros agradecimentos a Carlos Beduschi, Mauro Castex, aos colegas que participaram dessa reunião em São José dos Campos (na verdade, ao final da reunião já sentíamos que éramos amigos, havia um clima de confiança e até alegria).

E obrigada aos amigos que têm acompanhado de perto a questão, estão sempre prontos para conversar comigo sobre o assunto, trocar ideias, me dão ótimos conselhos, panfletam no Facebook, e obrigada a todos que têm atendido aos pedidos de participação pública, principalmente aos que se manifestaram no post do sr. Cláudio Maretti e aos que enviaram mensagens para a Ouvidoria da Fundação Florestal. Essas reuniões só aconteceram graças a vocês, foi nosso volume de manifestações consistentes, educadas, com conteúdo que tornaram possível as autarquias reconhecerem nossos pedidos como algo que era preciso tratar agora.

Para saber mais sobre os motivos do debate:

<http://issuu.com/claudiakomesu/docs/proibido-fotografar>.

Para acompanhar novidades sobre o tema, participe do grupo do **Facebook (Não) É proibido fotografar**, nesse link. ■



Aves comuns, fotos incomuns



Anu-branco / Guira-guira

Foto de Fabrício Corsi Arias, Campinas/SP

Canon EOS 5D Mark II | f/6.3, 1/1250, ISO 200, @400mm

cuíca-de-lã / *Caluromys lanatus*

Jefferson Silva, editor da Revista Passarinhando, estava em uma passarinhada na cidade de Dourado/SP, em 2012, quando avistou essa bela cuíca-de-lã. "Foi sensacional ver esse bicho. Mais ainda descobrir que não é um bicho facilmente visto na natureza", relatou Jefferson.

Se você também fotografou um mamífero, inseto, aracnídeo, anfíbio, etc, envie sua foto pra revista: contato@revistapassarinhando.com.br.

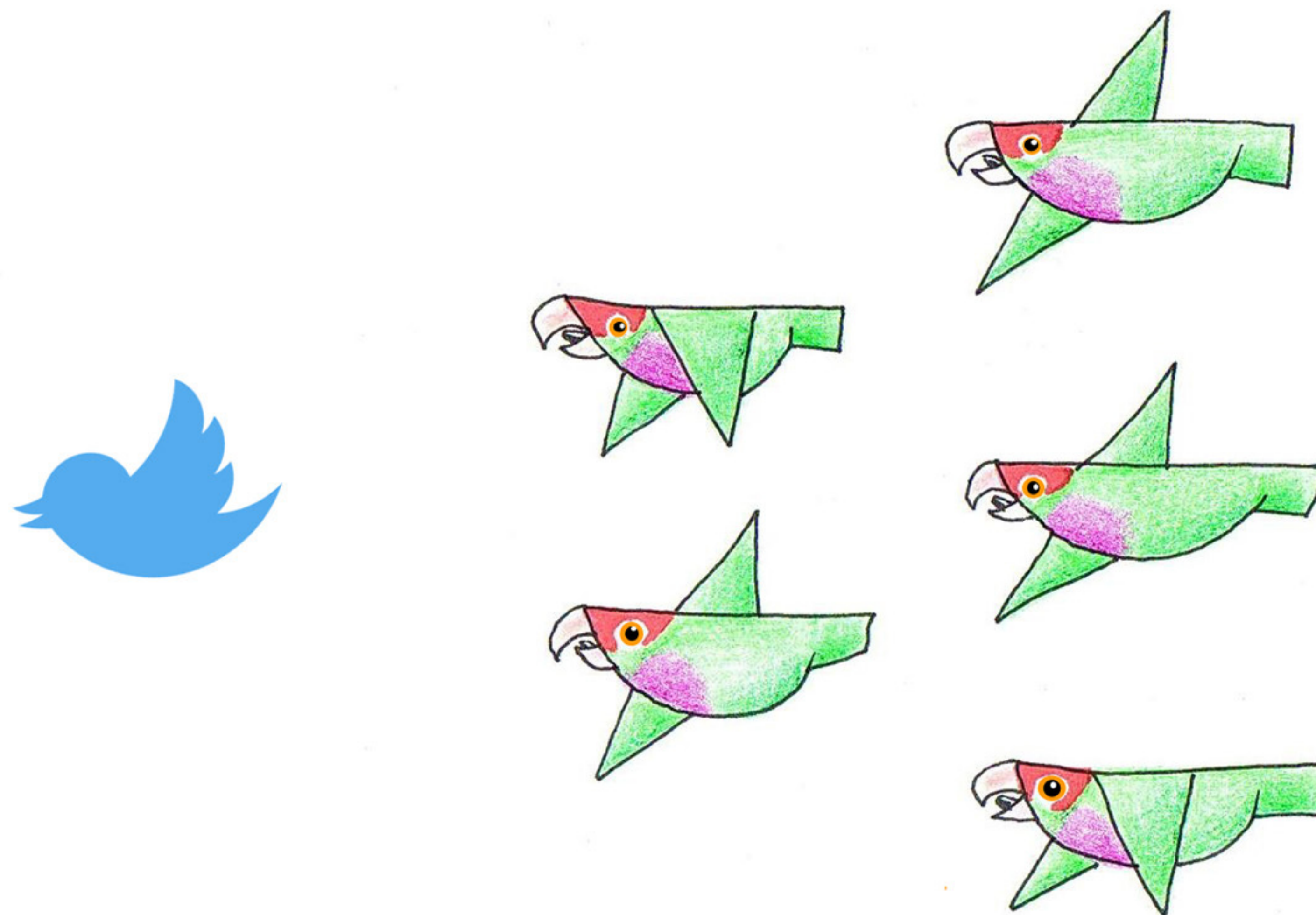


A cuíca-de-lã é um marsupial. Adultos variam de 20 a 32 centímetros de comprimento da cabeça ao corpo, com uma longa cauda de 33 a 45 centímetros. São encontrados em alguns países da América do Sul. Se alimentam de frutas, néctar, invertebrados e pequenos vertebrados. Acredita-se que possam se reproduzir durante todo o ano, com ninhadas de 1-4 jovens; a fêmea só desenvolve uma bolsa enquanto carrega um jovem.

cuíca-de-lã / *Caluromys lanatus*

Canon EF 100-400mm f/4.5-5.6L IS USM | f/4.5, 1/200s, ISO 250, @100mm





Luccas Longo





CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE **CURSOS, WORKSHOPS, TREINAMENTOS**

- ✦ Soluções e novas alternativas para melhorar o desempenho de seu negócio
- ✦ Observação de vida selvagem
- ✦ Infraestrutura para turismo de observação de aves
- ✦ Sistemas de Gestão de Segurança

ASSOCIADO



MARITACA
EXPEDITIONS

OBSERVAÇÃO DE VIDA SELVAGEM, CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE

info@maritacaturismo.com.br
www.maritacaexpeditions.com

55 11 9.9999.0331
55 34 9148.6882

